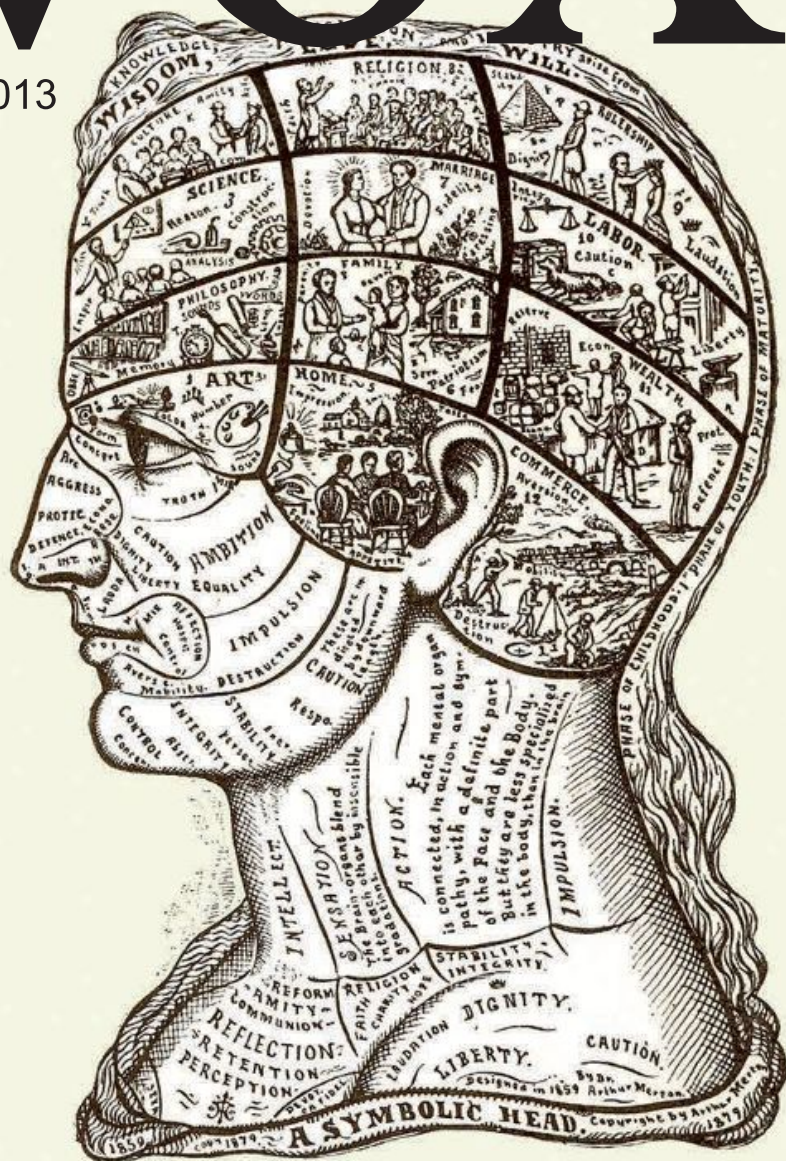


VOX

ano 3 | nº 4 | 2013



Medicina e literatura:

a vida entre pacientes e personagens

**Um encontro inusitado
entre o analista e o diretor de teatro**
Júlio Conte

Pedro Nava: o Proust brasileiro
Paulo Bentancur

Uma longa e contínua tradição
Waldomiro Carlos Manfroi



A white line graphic resembling an ECG (heart rate) line, positioned horizontally across the center of the page. The line starts with a small peak, followed by a sharp dip, then a larger peak, another dip, and a final peak before ending. The text 'MEDICINA E LITERATURA' is written in a white, outlined, sans-serif font, centered within the horizontal span of the ECG line.

MEDICINA E LITERATURA

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO
COMPANHIA RIO-GRANDENSE DE ARTES GRÁFICAS

VOX é uma revista cultural publicada pelo Instituto Estadual do Livro (IEL) e a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)
vox.ielrs@gmail.com

ISSN 1518-9600

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL Tailor Diniz / Reg. Prof. 4.912

CONSELHO EDITORIAL Clarissa Pont, Débora Peters, Denise Pereira, Jéferson Assumção, Laís Chaffe, Maria Emília Portella, Vera Spolidoro, Tailor Diniz

PROJETO GRÁFICO / Instituto Naumild - Jackson Brum

DESIGNER RESPONSÁVEL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Alex Silva

ARTE CAPA Roberto Schmitt-Prym sobre a obra *A Symbolic Head*, 1879 de Arthur Merton

COORDENADOR DE PRODUÇÃO Paulo Bentancur

REVISÃO Estevão Cogoy e Paulo Bentancur

COLABORADORES Waldomiro Carlos Manfroi, Franklin Cunha, Blau Fabrício de Souza, Jaime Vaz Brasil, Ricardo Silveira, Luiz Guilherme do Prado Veppo, Júlio Conte, Paulo Bentancur, Lourenço Cazarré, Nei Duclós, José Weis, César Pereira, Líria Porto, Vitor Biasoli, Marco de Menezes, Ronaldo Lippold, Andréia Laimer, Fernanda Vier, Fred Vidal

Instituto Estadual do Livro (IEL)
Rua André Puente, 318
CEP 90035-150
Porto Alegre-RS
Fones (51) 33146450
iel@sedac.rs.gov.br
ielrs.blogspot.com

Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)
Av. Cel Aparício Borges, 2199
CEP 90680-570
Porto Alegre-RS
Fone (51) 32889700
corag@corag.com.br
www.corag.com.br

Apoio:



Imprensa Oficial do Estado
do Rio Grande do Sul



Secretaria da Cultura



ENTRE PACIENTES E PERSONAGENS

Se os números forem colocados na ponta do lápis, é possível que existam no meio literário tantos advogados, jornalistas, publicitários, relações públicas quanto médicos escritores. Mas, talvez pelas características da medicina, o fato chame mais atenção do que chamaria se estivesse relacionado com outras áreas profissionais que também lidam com a palavra escrita. A verdade é que é grande o número de médicos cujos livros estão expostos nas prateleiras das nossas livrarias, muitos deles entre os mais consagrados, e isso quer dizer muito. A curiosidade advinda daí não diz respeito apenas ao número, mas também à qualidade. E de imediato vem a pergunta: por que tantos médicos fizeram e fazem carreira – paralelamente ou não à medicina – como escritores, em especial na ficção?

São muitos os profissionais nessas condições, em âmbito local, nacional e internacional, como Moacyr Scliar, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Caldre e Fião, João Guimarães Rosa, Pedro Nava, Joaquim Manoel de Macedo, António Lobo Antunes, Anton Tchekhov, Somerset Maugham e vários outros, incluindo os das novas gerações, que começam a trilhar o mesmo caminho dos citados acima.

Assim, a VOX convidou alguns médicos escritores gaúchos para, a partir de uma visão de dentro, fazerem uma abordagem que permita ao leitor pensar sobre o fato de uma forma menos superficial. Estimulados por esses textos, leitores e autores poderão refletir juntos, com boas bases de argumento, sobre os mais diversos motivos que levariam profissionais que, em princípio, nada teriam a ver com as letras, a consolidarem suas carreiras como grandes escritores.

A presente edição de VOX parte de um trabalho minucioso do médico escritor Waldomiro Carlos Manfroi, que ao longo de anos vem pesquisando o assunto e mapeando casos de médicos que também se dedicaram à produção literária. Não é pretensão do autor, nem da VOX, encontrar uma resposta para a pergunta “por que os médicos escrevem?”. Ao buscarmos a palavra de outros articulistas também envolvidos com o assunto, foi nossa vontade abordar a questão segundo a própria fonte e assim contribuir com a discussão. Se continuamos longe de uma resposta definitiva, fica a certeza de que a leitura será agradável e estará à altura do tema e da forma encontrada para analisá-lo.

Boa leitura.
Abril de 2013

06
MÉDICO ESCRITORES: UMA LONGA E CONTÍNUA TRADIÇÃO
WALDOMIRO CARLOS MANFROI

15
MEDICINA, FILOSOFIA E LITERATURA
FRANKLIN CUNHA

17
O MÉDICO MATOU O ROMANCISTA?
BLAU FABRÍCIO DE SOUZA

20
OUVIR E CONTAR, LER E ESCREVER
JAIME VAZ BRASIL

22
QUEM TEM MEDO DE RUBEM FONSECA?
RICARDO SILVEIRA

25
TERAPIA
LUIZ GUILHERME DO PRADO VEPPA

26
UM ENCONTRO INUSITADO ENTRE O ANALISTA E O DIRETOR DE TEATRO
JÚLIO CONTE

31
O PROUST BRASILEIRO
PAULO BENTANCUR

33
O MÉDICO, O CONTISTA E O DRAMATURGO
PAULO BENTANCUR

35
PRATELEIRA

37
LIVROS

39
O BANIMENTO DO FILÓSOFO
LOURENÇO CAZARRÉ

43
DO LIVRO: PARTIMOS DE MANHÃ [POESIA]
NEI DUCLÓS

45
DO LIVRO: O LENHADOR DE SAMAMBAIAS [POESIA]
JOSÉ WEIS

47
DO LIVRO: CAMINHOS DO FRUTO [POESIA]
CÉSAR PEREIRA

ORIGINAIS

49
dilemas
LÍRIA PORTO

50
CONFEITARIA
VITOR BIASOLI

53
INÇO
MARCO DE MENEZES

54
O VESGO
RONALDO LIPPOLD

59
POTENCIAL
ANDRÉIA LAIMER

60
OS PÉS DE VERÔNICA
FERNANDA VIER

62
ANTES DA CHUVA
FRED VIDAL



MÉDICOS ESCRITORES: UMA LONGA E CONTÍNUA TRADIÇÃO

WALDOMIRO CARLOS MANFROI

MÉDICO E ESCRITOR

Assim que comecei minha investigação sobre médicos escritores (uma tradição que não se restringe às fronteiras do Brasil), reavivaram-se duas perguntas diante das quais, quando me são formuladas, encontro dificuldade para dar uma resposta que satisfaça o entrevistador e o entrevistado.

Explico melhor. Desde que comecei a publicar ficção, para surpresa minha, não raro ouço do entrevistador a seguinte pergunta:

— Mas por que os médicos escrevem ficção?

Outra pergunta que me faziam e fazem com alguma frequência ocorre fora do nosso estado. Quando os colegas ficam sabendo que, além das atividades acadêmicas, faço literatura de ficção, me questionam:

— Mas por que vocês gaúchos gostam tanto de escrever?

Por não saber dar uma resposta convincente, respondia às perguntas com o que conseguia construir no momento, deixando o interlocutor pouco satisfeito. Então, para encontrar explicações mais sustentáveis, decidi aproveitar a oportunidade para realizar uma pesquisa mais abrangente sobre o tema.

Aproveitei a ocasião, também, para fazer um estudo com o objetivo de identificar possíveis influências que contribuíram para o surgimento de médicos escritores do Rio Grande do Sul.

Os nomes foram sendo incorporados pela lembrança dos livros que li, pela pesquisa que realizei e por informações de amigos. Mas longe está de ser completa. Se este tema fosse desenvolvido em outro estado brasileiro ou em outro país, a lista, com certeza, seria bem mais ampla e, talvez, diferente. O que importa é que este trabalho de revisão será sempre incompleto, pois muitos desses médicos escritores continuarão escrevendo e outros surgirão.

Sobre os escritores médicos brasileiros de fora do Rio Grande do Sul, foram incluídos os que conquistaram destaque nacional e ou internacional pelas obras publicadas. Quanto aos escritores médicos gaúchos, além de incluir os nomes que obtiveram reconhecimento regional e nacional, estão incluídos os que continuam publicando na atualidade e que preencheram

os critérios de inclusão: autores que publicaram, pelo menos, três textos longos ou três livros de contos nos últimos dez anos. Fez-se uma exceção para escritores emergentes, cuja obra tenha sido publicada por concurso público de órgão municipal, estadual ou federal e que foram selecionados por comissão avaliadora. É bem provável que talvez não estejam relacionados todos os autores gaúchos.

ONDE ESTARIA A ORIGEM ?

Os textos que serviram de orientação para a medicina ocidental surgiram na Grécia Antiga, junto com as obras dos filósofos que moldaram a cultura ocidental. Nesse período, segundo Píndaro, poeta grego do século VI a.C., as doenças eram entendidas como um castigo do deus Apolo, e as curas eram obtidas mediante oferendas e sacrifícios.

Foi Hipócrates que rompeu essa relação entre doença e castigo dos deuses. Seus 72 livros contêm descrições e expressões que são um misto de conhecimentos de Medicina, de filosofia e textos literários. Por exemplo, sobre o exame do paciente, ele desloca o foco da relação do doente com o deus Apolo e o situa numa relação entre duas pessoas: o médico e o enfermo. Na construção desse binômio, nos deixou o primeiro legado de como deve se desenvolver uma boa relação médico-paciente: “Examinar o corpo requer visão, audição, olfato, tato, paladar e razão”. São princípios que todo o médico que pretende honrar sua profissão deve seguir até hoje. Sobre a relação de Hipócrates com as artes, convém citar o aforismo que é lembrado com bastante frequência: “A vida é curta; a arte é longa, a ocasião, fugidia; a experiência, enganadora; o julgamento, difícil”.

Desde Hipócrates, o Pai da Medicina, os médicos trabalham, então, com o corpo e os sentimentos das pessoas. Registram suas queixas físicas e suas dores da alma. Nessa singular rela-

ção, convivem com milhares de pessoas e com a desafiadora peculiaridade de que nenhuma é igual à outra. Mesmo com toda uma gama de responsabilidades e trabalho, os médicos nunca se contentaram em registrar apenas particularidades das doenças dos seus pacientes.

Sobre a resposta à pergunta “por que tantos médicos escrevem ficção”, encontro melhor suporte nos textos de especialistas que trataram dessa questão e nos registros históricos de instituições.

Por exemplo: o poeta, historiador e professor de Literatura Guilhermino César, na sua obra *Notícia do Rio Grande: literatura*, faz uma afirmativa interessante. Diz ele: “Numa época em que não havia no Brasil cursos de Letras, as escolas de Medicina eram verdadeiros berçários de escritores. Entretanto, mesmo após a disseminação das faculdades de Letras, a Medicina tem legado à literatura escritores expoentes”. Dentre eles, destacava, então: Aureliano de Figueiredo Pinto, Dyonélio Machado, Cyro Martins e Moacyr Scliar.

Essa observação de um ilustre professor como Guilhermino César encontra eco num passado não muito distante, e aqui no nosso meio. Em 1914, dois anos depois da

fundação do Centro Acadêmico de Medicina de Porto Alegre, os alunos lançaram a revista *Vida e Arte*, na qual publicavam contos, poesias e desenhos satíricos. Em 1937, Balbino Marques da Rocha satiriza a vida da Faculdade de Medicina em versos, com o título *Estância de Dom Sarmento* – que, publicado pela Editora Globo, alcançou grande repercussão dentro e fora do âmbito da faculdade.

Vejamos, então, outros fatos históricos e algumas coincidências que merecem destaque. Antes, convém lembrar como se regem as relações socioantropológicas no meio em que vivem as pessoas. Socorrem-nos, de modo bem resumido, a Biologia e a Sociologia. Na Biologia, existe o componente genético, que é um fator determi-

nante na vida das pessoas. E há o que poderíamos chamar de “genética social”, que seria aquilo que conhecemos como “escola da vida”. Isto é, o que as pessoas aprendem pelos exemplos e modelos. Daí a importância do mito para os jovens, pois eles procuram seguir os passos dos vencedores.

Poderíamos, então, vincular a sequência de escritores gaúchos, ao longo de 160 anos ao surgimento de *A divina pastora* e de *O corsário*, do médico Caldre e Fião? E este não teria alimentado seu imaginário ao constatar que seus conterrâneos gaúchos eram pessoas que falavam, vestiam, trabalhavam e se alimentavam de modo bem diferente dos habitantes da Capital do Império, Rio de Janeiro? Por que não fazer, então, o que fizera seu colega médico, Joaquim Manoel de Macedo, que dera voz às personagens urbanas de *A Moreninha*, e dar voz e vez a seu povo, tão distante do poder e tão pouco conhecido fora de suas fronteiras? Assim podia ter pensado Caldre e Fião, ao apanhar a folha do caderno

em branco, nos idos de 1845.

Nessa mesma linha, podemos admitir que houve influência do Partenon Literário, criado em Porto Alegre em 1868, sobre os escritores que surgiram

“ Nessa mesma linha, podemos admitir que houve influência do Partenon Literário, criado em Porto Alegre em 1868, sobre os escritores que surgiram depois. ”

depois. *O ensaio de Alvaro Porto Alegre*, escrito em 1928, no ensejo das comemorações dos sessenta anos de fundação daquele centro literário e cultural, nos dá uma ideia da importância desse movimento no estado.

Escreveu Alvaro Porto Alegre: “A finalidade do Partenon Literário não se restringia somente à Literatura. Foi muito além. Além de Literatura, o Partenon cuidou de Filosofia e História; organizou na sua sede uma biblioteca; criou aulas noturnas gratuitas; instituiu o regime de conferências; realizava saraus e editava uma bem cuidada revista. Só isto? Não! Foi igualmente humano, quebrando lanças pelo abolicionismo, sofrendo rudes golpes dos escravagistas e aumentando a ojeriza que lhe tinham retrógrafos. Enquanto isto ocorria, com

destemor e desprendimento, sobranceira e generosa, a benemérita associação, libertando, por sua conta, não pequeno número desses desventurados seres, tratados, em determinados períodos, como irracionais, sendo alguns, não vendidos a peso de dinheiro, mas barganhados por bovinos e equinos, por seus algozes. Assim, não posso fugir ao dever de lembrar uma festa que as gerações novas talvez nem de leve conheçam. Festa transcendente que nenhuma outra em todo o Rio Grande do Sul e talvez mesmo em todo o Brasil se lhe compare. Refiro-me à célebre noite de 19 de setembro de 1869, quando a sociedade Partenon Literário leva a efeito no Theatro São Pedro um festival com a representação de uma cena dramática, terminando a festa com o enternecedor desfile, sob o pavilhão nacional, de 21 crianças que recebiam, nessa ocasião luminosa de clarões benditos, as suas cartas de alforria, outorgada por essa respeitável sociedade.”

Para os médicos escritores gaúchos que surgiram mais tarde, outros estímulos provocados pelos movimentos literários regionais e nacionais devem ter contribuído para que se dedicassem à ficção. Sobre as influências vindas de fora do estado, lembremos como era o contexto da época. Os médicos que, nas primeiras décadas do século XX, aprimoravam seus conhecimentos no Rio de Janeiro, possivelmente como acontecera com Caldre e Fião, continuaram se surpreendendo com a diferença de costumes que havia entre o Rio Grande do Sul e a então capital do Brasil. E lá encontraram, ainda, o reforço dos conterrâneos escritores vencedores, Alcides Maya e Augusto Meyer, de grande prestígio

junto ao mundo literário e membros da Academia Brasileira de Letras. Essas vertentes, locais e nacionais, é de supor que tenham influenciado os médicos escritores Aureliano de Figueiredo Pinto, Dyonélio Machado, Cyro Martins e muitos outros gaúchos.

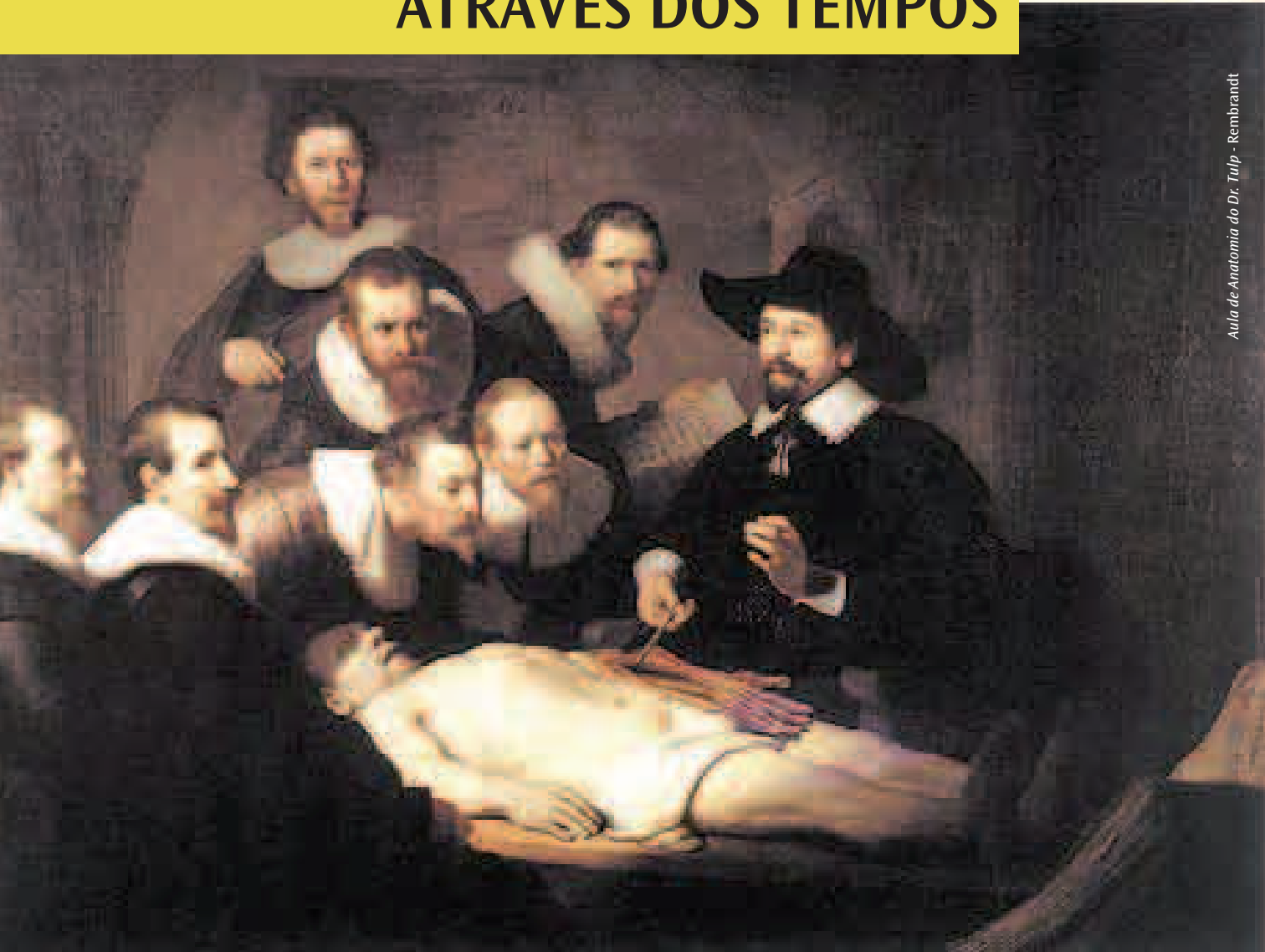
Para Moacyr Scliar, além desses estímulos, havia a vida peculiar do seu berço e dos habitantes do bairro Bom Fim de Porto Alegre. Havia a viagem no mundo da leitura, os estímulos do seu grupo literário do Centro Acadêmico Sarmiento Leite da Faculdade de Medicina. Havia as experiências com a vida e a morte dos pacientes sofrendores da Santa Casa de Misericórdia e, mais tarde, sua formação de médico sanitarista.

Boa parte das gerações mais novas de médicos escritores do estado pode ter sido influenciada e estimulada pelas numerosas oficinas de criação literária, que mantêm suas atividades há mais de vinte anos em Porto Alegre.

Para finalizar, preciso fazer outros dois registros. O primeiro, de cunho pessoal. Hoje, quando me perguntarem sobre o porquê de haver médicos escritores de ficção, terei mais e melhores argumentos na resposta. A segunda relaciona-se à satisfação que tenho de encontrar algo que não conhecia. Ao analisar o surgimento da Literatura Brasileira, identifiquei que os primeiros três textos longos que permaneceram através dos tempos foram escritos por dois médicos: *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; *A divina pastora* e *O corsário*, de Caldre e Fião.

“Boa parte das gerações mais novas de médicos escritores do estado pode ter sido influenciada e estimulada pelas numerosas oficinas de criação literária, que mantêm suas atividades há mais de vinte anos em Porto Alegre.”

MÉDICOS ESCRITORES ATRAVÉS DOS TEMPOS



Aula de Anatomia do Dr. Tulp - Rembrandt

Hipócrates

O pai da Medicina nasceu em Pérgamo e viveu entre 460-377 a.C. Ele criou um método de trabalho voltado para o sofrimento do homem. Conversava e examinava os doentes. Ensinava que, no tratamento, o importante era ter o equilíbrio entre os quatro humores: Sangue, Flegma, Bile Amarela e Bile Negra, que são correspondentes aos quatro temperamentos existentes nas pessoas (Sanguíneo, Fleumático, Colérico e Melancólico) e aos quatro elementos da natureza (ar, água, fogo, terra). Hipócrates foi quem

rompeu a relação do enfermo com os deuses.

Nos seus 72 livros, encontramos expressões que são um misto de conhecimentos de Medicina, Filosofia e Literatura. Com a introdução do exame do paciente, ele termina com a subordinação do enfermo aos ditames da divindade e a desloca para um encontro entre duas pessoas: o médico e o doente. Seu legado estabelece o modo como deve se desenvolver uma boa relação médico-paciente: “Examinar o corpo requer visão, audição, olfato, tato, paladar

e razão”. Sobre a relação de Hipócrates com as artes, convém citar um dos seus inúmeros aforismos, que é lembrado por todas as artes através dos tempos: “A vida é curta, a arte é longa; a ocasião, fugidia; a experiência, enganadora; o julgamento, difícil”.

Então, desde Hipócrates, os médicos trabalham com o corpo e os sentimentos das pessoas. Registram suas queixas físicas e suas dores da alma. Nesta singular relação, convivem com milhares de seres humanos e com a desafiadora peculiaridade de que nenhuma pessoa é igual à outra. Com essa gama de trabalho e convivências, os médicos nunca limitaram suas escritas à descrição das doenças dos seus pacientes. Surge, portanto, a criação literária dos médicos.

Joaquim Manuel de Macedo

Foi o primeiro romancista a escrever obras longas e constantes no Brasil. Seu primeiro romance, *A Moreninha*, foi publicado em 1844. Nasceu em 24 de junho de 1822, em Itaboraí, Rio de Janeiro.

José Antônio do Vale Caldre e Fião

Nasceu em Porto Alegre, em 15 de outubro de 1821, e faleceu em 19 de março de 1876, também em Porto Alegre. Em 1847, apenas três anos após o lançamento de *A Moreninha*, ele publicou, no Rio de Janeiro, seu primeiro romance: *A divina pastora*, cuja trama se desenvolve durante a Revolução Farroupilha.

O segundo romance de Caldre e Fião, *O corsário*, foi publicado em 1849. O texto também tem seu centro em feitos heróicos desta parte meridional do Brasil: Guerras Cisplatinas e Guerra dos Farrapos. Outra vez, os farrapos são vistos como foras da lei e bandidos, embora reconheça em Bento Gonçalves um líder de respeito. Já Giuseppe Garibaldi é visto como um pirata aproveitador e saqueador.

Pela constante luta de José Antônio Caldre e Fião contra a escravidão e sua crítica mordaz aos farrapos, *A divina pastora* e *O corsário* desapareceram das bancas de jornais, das livrarias e das bibliotecas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul durante 130 anos.

Ramiro Fortes de Barcelos

Nasceu em Cachoeira do Sul em 23 de agosto de 1851 e faleceu no dia 29 de janeiro de 1916, em Porto Alegre. Ramiro Barcelos publicou inúmeras crônicas, geralmente, de crítica mordaz sobre assuntos políticos e pessoas. Dentre essas, podemos destacar a *Carta a D. Isabel*, na qual ataca a política da regente e, principalmente, com o pseudônimo de Amaro Juvenal, o poema campestre *Antônio Chimango* (1915). Oficial das tropas de Pinheiro Machado na Revolução de 1893.

Mário Totta

Nasceu em Porto Alegre, em cinco de janeiro de 1874 e faleceu em 17 de novembro de 1947. Cronista perspicaz, crítico mordaz dos costumes da época, publicou, junto com os cronistas do Correio do Povo José Paulino Azurenha e José Carlos de Souza Lobo, o primeiro romance com olhar voltado para cidade: *Estrychnina*. A narrativa, editada em 1897, foi baseada num fato verídico de um casal de apaixonados, Neco Borba e Chiquinha Gomes, que, por dificuldades financeiras, se suicidam com a ingestão de esticnina.

Aureliano de Figueiredo Pinto

Nasceu na Fazenda São Domingos, distrito de Tupanciretã, no dia 1º de agosto de 1898 e faleceu em 22 de fevereiro de 1959. Em 1937, quando Erico Verissimo e Dyonélio Machado começam a surgir como escritores de reconhecimento nacional, Aureliano de Figueiredo Pinto escreveu *Memórias do Coronel Falcão*, livro recuperado e publicado pela Editora Movimento em 1973. No final da vida, na década de 1950, publicou dois livros de poesia: *Romances de estância e querência*, e *Armorial de estância e outros poemas*.

Dyonélio Machado

Nasceu em Quaraí em 21 de agosto de 1895 e morreu em Porto Alegre em 1985. Aos 12 anos, publicou seus primeiros versos: *As calças*

do *Barbadão*. Ainda estudante de medicina em Porto Alegre, em 1927, publicou a coletânea de contos *Um pobre homem*. Em 1935, depois de publicar seu primeiro livro, *Os ratos*, foi preso no Rio de Janeiro por causa da Intentona Comunista. Mesmo preso, recebeu o Prêmio Machado de Assis com seu romance. Em 1942, publicou seu outro romance mais conhecido: *O louco do Cati*.

Cyro dos Santos Martins

Cyro dos Santos Martins nasceu em Quaraí em 5 de agosto de 1908 e faleceu em Porto Alegre em 15 de dezembro de 1995. Em 1935, em conferência, pela primeira vez, usa o termo *gaúcho a pé*, e publica sua trilogia (*Sem rumo, Porteira fechada, Estrada nova*). Em 1957, publica *Paz nos campos*, reunindo contos e novelas que depois ele desdobrará em outras publicações.

João Guimarães Rosa

Nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 27 de junho de 1908, e faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1967. Sua estreia nas letras se deu em 1929, ainda como estudante, ao escrever quatro contos: *Caçador de camurças*, *Chronos Kai Anagke* (título grego, significando *tempo e destino*), *O mistério de Highmore Hall e Makiné*, os quatro para um concurso promovido pela revista *O Cruzeiro*. Todos os contos foram premiados e publicados com ilustrações em 1929-1930. Sua principal obra é o romance *Grande sertão: Veredas*, publicado em 1956.

Pedro Nava

Nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 5 de junho de 1903, e faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1984. É considerado o maior memorialista brasileiro, com o ciclo composto por *Baú de ossos*, *Balão cativo*, *Chão de ferro*, *Beira-mar*, *Galo das trevas*, *O círio perfeito*, *Cera das almas* (póstumo, incompleto).



Foto: divulgação

Roberto Bittencourt Martins

Nasceu em Bagé, em 17 de janeiro de 1937. Em 1981, publicou *Ibiamoré, o trem fantasma*, considerada uma das melhores obras de ficção do Rio Grande do Sul.

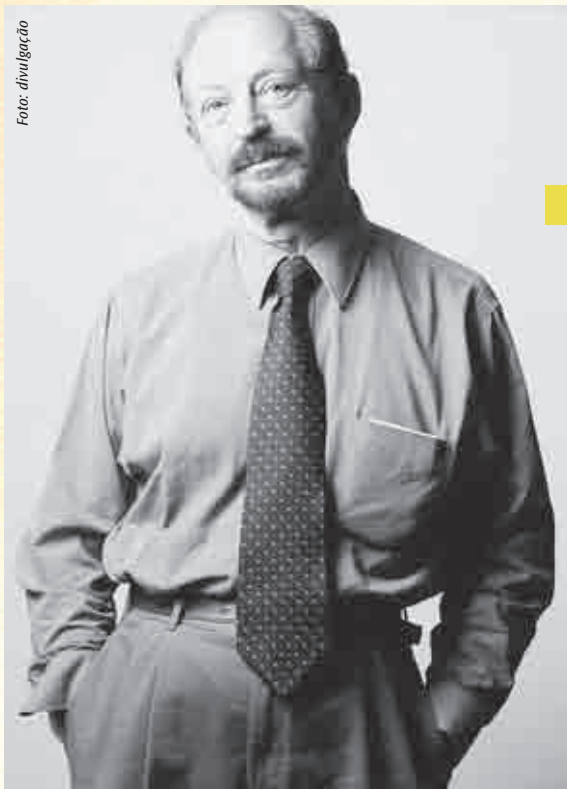
Sérgio Ortiz Porto

Nasceu em Soledade em 11 de dezembro de 1937 e faleceu em Porto Alegre, em 24 de janeiro de 1988. Como escritor, fez parte, na década de 1960, da antologia intitulada *Nove do Sul*, organizada por Moacyr Scliar. Publicou ainda, entre outros, os livros *O Sol e o verde* (1982) e *A condessa e seus rapazes* (1987).

Ruy Germano Nedel

Nasceu em Ijuí em 5 de junho de 1937. Em 1984, publicou o romance baseado na vida heroica do índio Sepé Tiaraju, intitulado *De Sepé Tiaraju e o triste fim das Missões*.

Foto: divulgação



José Eduardo Degrazia

Nasceu em Porto Alegre em 5 de agosto de 1951. Dentre suas múltiplas publicações, destacam-se *Lavra permanente* (poesia), *O atleta recordista* (contos) e *O reino de Macambira* (novela).

Iván Izquierdo

Nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1937. Seus livros de ficção publicados são *Recordar é viver*; *Silêncio, por favor!*; *Francisco, o pássaro, o milagre*; *Releitura do óbvio*; e *Tempo e tolerância*.

Nilson Luiz May

Nasceu em 15 de maio de 1940. Entre seus livros publicados, estão *Terra da boa esperança*, *Céus de Pindorama* e *O misterioso caso na reparação pública*.

José Blaya Perez Filho

Nasceu em Santa Maria em 6 de dezembro de 1947 e faleceu em Porto Alegre, em 29 de janeiro de 2005. Publicou os livros *Dom Casmurro*

era um cascudo, Última sessão, Não vi nascer John Lennon, Basta dizer que amei Natasha Pietova e Os nomes da nossa dor.

Moacyr Scliar

Nasceu em Porto Alegre em 23 de março de 1937, morreu em 27 de fevereiro de 2011. Ao contrário dos seus antecessores Aureliano de Figueiredo Pinto e Cyro Martins, que alimentavam sua imaginação com personagens que circulavam, de forma predominante, pelo pampa, Moacyr Scliar nutre seu imaginário ficcional com personagens que vivem, sobrevivem, lutam e morrem nas cidades. Como Cyro Martins, Moacyr Scliar fez tudo a seu tempo: a cada passo, um livro. Construiu, então, uma vasta obra literária, com mais de setenta títulos publicados. Além das inúmeras premiações recebidas, em 31 de março de 2003 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, assumindo a Cadeira de número 31, até então ocupada por Geraldo França de Lima.

Fernando Neubarth

Nasceu em Três Coroas em 1960. Publicou *Olhos de guia*, *À sombra das tília*s e *Memória das luzes*.

Franklin Cunha

Nasceu em Antônio Prado em 1939. Publicou dois textos longos: *Deuses, bruxas e parteiras* e *A Lei primordial e outros ensaios*.

Blau Fabrício de Souza

Nasceu em Lavras do Sul em 1940. Publicou os livros *De todo laço*, *Contos do Sobrado* e *Uma no cravo, outra na ferradura*.

Júlio César Conte

Nasceu em 24 de julho de 1955, em Forqueta, Caxias do Sul.

Escreveu e dirigiu *Bailei na curva*, *Não pensa muito que dói*, *Cabeça-quebra-cabeça*, *Zona*

proibida, Pedro e a girafa, Um negócio chamado família, A coisa certa, Se meu ponto G falasse, O bafafá da calça azul-marinho, Mecânica do amor, entre outros.

Jaime Vaz Brasil

Nasceu em Bagé em 30 de dezembro de 1962. Entre seus livros publicados, destacam-se *Inventário de Cronos, Livro dos amores, Punhais do Minuano, Os olhos de Borges, Pandorga da lua.*

Celso Gutfreind

Nasceu em Porto Alegre em 1963. Como escritor, tem doze livros publicados, entre poesia, histórias infantis e ensaios. Dos livros publicados, destacam-se: *Vovó não vai para o céu, Grilos, Narrar, ser mãe, ser pai e Domingo para sempre e outras histórias sobre nunca mais,* entre outros.

Léo Trombka

Nasceu em Porto Alegre, em 23 de agosto de 1946. É autor do livro *Sempre é tempo de ninar um pai e outros contos* (2003).

Juarez Guedes Cruz

Nasceu em Porto Alegre, em 1943. Entre seus livros publicados, estão *A cronologia dos gestos, Alguns procedimentos para ocultar feridas e Antes que os espelhos se tornem opacos.*

Olavo Bohrer Amaral

Nasceu em Porto Alegre em 1979. Publicou os livros de contos *Estática e Correnteza e escombros.* :V

OUTROS MÉDICOS ESCRITORES,

CATALOGADOS POR

WALDOMIRO CARLOS MANFROI:

Alex Martin Fredrik Munthe

Sueco

Arthur Ignatius Conan Doyle

Britânico – nasceu em Edimburgo

Somerset Maugham

Inglês

Nuno Lobo Antunes

Português

Fernando Gonçalves Namora

Português

António Lobo Antunes

Português

Anton Tchékhov

Russo

Khaled Hosseini

Afegão

Irvin G. Yalom

Norte-americano

Abraham Verghese

Etíope

Claude Bernard

Francês

Ben Maimon – Maimônides

Espanhol

Se a doença é mais forte do que o doente, não há saída possível e nenhum médico vai curá-lo; se a doença é mais fraca, o doente não precisa de um médico; se a doença é igual ao doente, cabe ao médico fortalecer este último e ajudá-lo a curar-se.

Moses Ben Maimon (Maimônides) (1135-1204)

A epígrafe deste texto resume o que foi a filosofia de vida desse grande polímata que combinava filosofia, lógica, teologia, astronomia e medicina. Maimônides, descendente de oito gerações de rabinos, nasceu em Córdoba, cidade considerada na época como a mãe dos filósofos e a luz da Andaluzia. Sede de uma dinastia árabe, era, como outras cidades da Espanha muçulmana, um brilhante centro de cultura e ciência na qual cristãos, judeus e muçulmanos conviviam pacificamente, onde, com os mesmos deveres e privilégios, estudavam Filosofia, Matemática, Gramática, Botânica, Arquitetura, Música e Medicina.

Em 1148, quando uma outra facção árabe tomou o poder em Córdoba, a família de Maimônides, este já com a idade de trinta anos, teve de se mudar para o Egito. Criou logo grande fama por ter se tornado médico do grão-vizir do sultão Saladino e, em consequência de sua fama, foi apontado como chefe da comunidade judaica, sob o título de Nagid.

Em 1190, Maimônides publicou mais um de seus grandes livros, *O Guia dos perplexos*, escrito em árabe e traduzido para o hebraico, destinado a dar uma conceituação racional, lógica e filosófica aos preceitos das escrituras sagradas. Seguindo os preceitos religiosos, não desejava ser lido por qualquer leigo. Obedecia assim aos ditos rabínicos: “Não inquiria sobre assuntos que são maravilhosos demais para

MEDICINA, FILOSOFIA E LITERATURA

FRANKLIN CUNHA
MÉDICO E ESCRITOR

“você; não investigue o que é oculto de você; não questione o que não é permitido a você”. E, estendendo estas máximas à sua conduta como médico, o que refreava a tendência a pensamentos e práticas onipotentes, dizia: “Oh, Deus, não permita jamais que alguma vez eu me julgue capaz de tudo curar”.

Durante toda sua vida, Maimônides recusou-se a ganhar dinheiro com seus afazeres religiosos e, como tinha que sustentar a família, tornou-se médico profissional. Escrevendo sobre cirurgia, admoestava: “Se queremos cortar alguém, devemos obedecer às seguintes condições: realizar o trabalho rapidamente; evitar que o paciente sinta qualquer dor; ter certeza que o paciente sobreviverá e se curará; saber que somos capazes de realizar a cirurgia; saber que o paciente não sofrerá consequências não ligadas à cirurgia e ter certeza de que a doença não voltará. De outro modo, é preferível não operar”.

Maimônides também destacava as doenças psicossomáticas: “A angústia, o excesso de desejo, de paixão, a ganância por dinheiro, ideias obsessivas, não dão paz às pessoas, e isto se reflete em todo o organismo”. É esta, talvez, na história da medicina, uma das primeiras descrições de doenças que inter-relacionam fatores psíquicos e orgânicos.

Vale ainda ressaltar que além de inúmeros e sábios preceitos dietéticos, o grande rabino-médico da Idade Média foi um dos precursores da Ecologia, pois dizia que “O ar da cidade é estagnante, espesso e prejudicial à saúde, como resultado do acúmulo de detritos, das ruas estreitas, da fumaça e das aglomerações. Devemos, pois, procurar locais mais adequados, arejados, luminosos e compatíveis com a vida”.

Nos seus preceitos religiosos, considerava o estudo da Medicina como atividade religiosa, uma vez que o corpo sadio é necessário para uma alma sadia e, assim, a Medicina tem o alto propósito de promover a ética e a religião.

Pode-se enfim dizer que Maimônides não foi somente um médico e um filósofo, mas um filósofo da Medicina e um médico da Filosofia. Sua atitude na prática médica veio da percepção religiosa que faz da preservação da vida uma ordem divina e, por isso, é claro, ele era contrário a quaisquer práticas tendentes a interromper a vida humana, por menor e mais incipiente que ela fosse.

E a nós, cidadãos de um país de poucos leitores, de raros filósofos e de muitos médicos, cabe plenamente concordar com aquilo que, após sua morte, dele diziam seus seguidores: “De Moisés (o da Bíblia) a Moisés (o Maimônides), nunca houve um Moisés igual”. :V



O MÉDICO MATOU O ROMANCISTA?

BLAU FABRÍCIO DE SOUZA

MÉDICO E ESCRITOR

A linguagem, ao permitir comunicação entre os homens, criou um incalculável liame de possibilidades. Usando sons e suas representações gráficas, palavras, orações, discursos foram surgindo e sendo acumulados. Desenvolveram-se atividades com os mais diversos embasamentos, mas sempre permitindo que o homem usufruísse das ciências e das artes através dos tempos. Contar e ouvir histórias passou a ser a base para uma série de atividades e de profissões. Uns, por exemplo, passaram a contá-las para deleite dos demais e para torná-los mais cultos, e as escreveram no papiro, nos pergaminhos, no papel ou na linguagem dos computadores, mas sempre fazendo literatura. Outros se especializaram em ouvir histórias e queixas dos padecimentos humanos, visando a entendê-los e a buscar alívio ou cura para os sofredores. Foram mágicos, sacerdotes, feiticeiros, pajés em diferentes culturas

antes de chegar ao estágio científico dos atuais praticantes da medicina. Nada mais esperado que as histórias enriqueçam as vidas de indivíduos que exerçam as duas atividades. E o mundo está cheio de doutores-escritores ou de escritores-doutores.

Os sintomas na Medicina são subjetivos, mas necessitam de expressão para serem entendidos, estudados e tratados. Quanto mais culto o queixoso, melhor será a representação sonora ou gráfica do sofrimento e não é por acaso que muitas doenças ou entidades são conhecidas pelos nomes de doentes célebres que delas sofreram. O mais comum, entretanto, é que elas passem a ser associadas aos nomes dos doutores que as souberam colher dos pacientes e que tiveram arte suficiente para generalizar seu entendimento. Por vezes, surgirão dúvidas como

esta: Sigmund Freud foi melhor como médico ou como escritor? E quantos doutores, diante de uma impossibilidade de cura, fantasiam, criam ficção, numa evidente digressão que resulta em literatura. Na Medicina de hoje, quando a tecnologia se hipertrofia, há necessidade de um humanismo, que dificilmente será encontrado em tanta abundância quanto na Literatura. Não é por acaso que universidades em todo o mundo estão investindo em disciplinas que ensinam Literatura e História da Medicina. Moacyr Scliar, certa vez, ao ser convidado para ministrar curso de literatura para estudantes de Medicina nos Estados Unidos, quis saber o porquê da escolha. De modo pragmático, recebeu a resposta: era preciso ter formação humanística para melhorar a relação médico-paciente e tornar menos frequentes os processos contra doutores e hospitais.

“ Qual livro de Medicina expressará melhor um sofrimento crônico quanto Tolstói ao criar *Ivan Illitch?*, ou Thomas Mann em *A montanha mágica?* ”

Qual livro de medicina expressará melhor um sofrimento crônico quanto Tolstói ao criar *Ivan Illitch?*, ou Thomas Mann em *A montanha mágica?* Qual estudante de Medicina não se entenece ou se indigna ao ler Cronin, Sinclair Lewis, Erico Verissimo ou Machado de Assis quando eles falam de médicos, de acadêmicos de Medicina ou de doentes com seus sofrimentos reais ou imaginários?

Rabelais, Tchékhev, William C. Williams, Céline, Somerset Maugham, o espanhol Gregorio Marañón, Miguel Torga foram grandes escritores e foram médicos. No Brasil, um Guimarães Rosa ou um Pedro Nava foram notáveis em ambas as atividades. No Rio Grande do Sul, o número de médicos que se dedicam a produzir textos literários excede expectativas. Sem querer explicar o porquê de isso acontecer, tive a honra de participar de duas experiências muito enriquecedoras. A primeira foi a de escolher quarenta patronos para uma virtual academia de médicos escritores do Rio Grande do Sul e que Moacyr Scliar aproveitou no texto para *Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre*, livro comemorativo ao centenário da mais antiga faculdade de Medicina do Estado. A segunda experiência foi dividida com os colegas Franklin Cunha, Fernando Neubarth e José Eduardo Degrazia, quando em sete anos publicamos sete livros da série *Médicos (Pr)escrevem*. Nos seis primeiros, há pequenos verbetes biográficos e textos de 126 médicos em pleno exercício da Medicina no Rio Grande do Sul e que elaboraram textos literários – inéditos, na sua maioria.

No sétimo, fizemos uma homenagem a mais de 260 médicos, todos já falecidos, que escreveram textos não técnicos no Rio Grande do Sul. Alguns deles eram estrangeiros ou brasileiros de outros estados que moraram por algum tempo entre nós.

Gostaria de fixar o foco de atenção numa figura admirável como cidadão, médico e escritor: José Antonio do Vale, que ao iniciar-se no jornalismo adicionou ao nome as palavras Caldre e Fião. Cooperou para esta escolha o mistério que cercou o desaparecimento de sua principal obra por quase 150 anos. Caldre e Fião nasceu em Porto Alegre em 1821. Órfão de pai aos dois anos de idade, iniciou a trabalhar numa farmácia aos treze. Foi auxiliar de botica na Santa Casa de Porto Alegre em troca de ração diária de carne e farinha. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e tornou-se um entusiasta da homeopatia. Publicou *Elementos de Farmácia Homeopática* para uso da Escola de Medicina Homeo-

pática do Rio de Janeiro e da curiosa mocidade brasileira e portuguesa que quisesse estudar este ramo de ciência médica e uma *Enciclopédia de conhecimentos úteis e História das funções da vida humana*. Dono de muita erudição, tornou-se professor de várias matérias em colégio pertencente à família de dona Maria Isabel Lemos, com quem se casou. Sem grandes anúncios, lançou em 1847 os dois volumes de *A divina pastora: novela rio-grandense*, primeiro romance de autor gaúcho e segundo na literatura brasileira. O livro ficou desaparecido por 145 anos e gerou mistério e desconfiança quanto à sua existência, afinal comprovada com o surgimento de um exemplar no Uruguai, em 1992. Antes disso, a obra existia apenas através de anúncios de venda e pela notícia do aproveitamento das palavras churrasco, guaiaca e picanha, pinçadas por Antônio Pereira Coruja para seu livro *Coleção de vocábulos e frases usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Caldre e Fião tornou-se combativo jornalista, empolgado pela abolição da escravatura. Fundou o jornal *O Filantropo*, que se anunciava como humanitário, científico e literário. Também escreveu para mais dois jornais abolicionistas e seu segundo romance foi publicado em folhetim pelo jornal *O Americano*, a partir de janeiro de 1849. Foi ameaçado de morte e de bloqueio de seus livros por rico comerciante a quem chamara de “traficante de carne humana”. Só em 1851 é que defendeu tese de Doutorado em Medicina e se considerou pronto para retornar ao sul. Na volta, já no porto de Rio Grande, fez inflamado discurso abolicionista e exerceu o Jornalismo. Em Porto Alegre, foi redator de *O Conciliador* e depois passou a trabalhar no importante *A Reforma*, órgão oficial do Partido Liberal. Neste jornal de circulação diária conviveu com Carlos Von Koseritz, Florêncio de Abreu, Timóteo Pereira da Rosa, Félix da Cunha e Eleutério de Camargo. Foi eleito deputado provincial em 1854. Embora desde sua chegada praticasse a Medicina, passou a ser mais notado por ocasião da epidemia de cólera que atingiu Porto Alegre em 1867. O jeito de cuidar dos doentes revelou o destino que lhe estava reservado como médico dos pobres na capital gaúcha e em São Leopoldo. Ele foi a grande figura do Parthenon Literário e de sua

revista, em que publicou poesias, crônicas, biografias, peças teatrais e ensaios. Era presidente de honra do Parthenon, mas ninguém trabalhava mais do que ele como líder de um grupo de escritores mais jovens. Não apenas escrevia artigos candentes contra a escravatura, desenvolvia atividades práticas em favor dos escravos, como acolhia no sítio de sua propriedade, próximo de São Leopoldo, crianças negras abandonadas em função da Lei do Ventre Livre, pois os senhores mantinham suas mães no cativeiro. Guilhermino César disse que “o médico matou o romancista”, mas Carlos Reverbel ressaltou que a Medicina não matou o abolicionismo em Caldre Fião. Ele morreu pobre em Porto Alegre, no dia 19 de março de 1876, bem antes da Lei Áurea. Sua mulher carioca sobreviveu-lhe sem filhos. Mas, ao morrer, ele já era nome de rua em Porto Alegre e de bairro em São Leopoldo. :V

“ No Brasil, um Guimarães Rosa ou um Pedro Nava foram notáveis em ambas as atividades. No Rio Grande do Sul, o número de médicos que se dedicam a produzir textos literários excede expectativas. ”



OUVIR E CONTAR, LER E ESCREVER

JAIME VAZ BRASIL
MÉDICO E ESCRITOR

Ilustração: Suzel Neubarth

Minhas atividades na Medicina e na Literatura tiveram início simultâneo. Ainda na faculdade, descobri a poesia a partir dos festivais de música. Escrevi, bem jovem, muitos poemas que foram musicados e participaram desses eventos. Em seguida, vieram as publicações individuais, em livro. A Literatura sempre foi uma companheira muito próxima. No meu caso, lendo (principalmente) ou escrevendo (nem sempre), ela se mostrou uma ferramenta importantíssima para a boa compreensão do acontecer psíquico. “Medicina é o conhecimento humano”, disse Pedro Nava. Mas a Literatura também. São dois modos de estar perto do que é essência. E também é a leitura sucessiva dessas essências que formam o saber indiciário, base para ambas.

Trabalho com Psicoterapia, onde a tangência ainda é maior. Alguns critérios ou técnicas que se aplicam a uma cabem perfeitamente na outra. Por exemplo: “necessidade e suficiência”. O que vai escrito em um texto literário deve ser necessário para causar o efeito pretendido, e deve ser suficiente para a compreensão. Ou seja, a busca é de uma munção vocabular mínima, mas que não falte em informação a ponto de o leitor não alcançar a intenção do escriba. Em uma entrevista de psicoterapia, ocorre o mesmo. Se o terapeuta incorre em explicações onde não fiquem margens para as descobertas do paciente, teremos uma situação não ideal para o bom curso da terapia. Dizendo de outra forma, nem leitor nem paciente podem ser tratados de modo subestimado. Eles não são cegos que devam ser levados pela mão. Se, em um livro, o autor diz que “uma bela mulher atravessou a rua”, não temos possibilidade literária. O motivo é simples: estamos forçando o leitor a acreditar que a dita mulher é bonita. É bonita e pronto. Isso não funciona, pois retira do leitor a sua necessária vocação de coautoria. Porém, se no texto há algo como “ao atravessar a rua, o vento deixou à mostra parte das pernas da mulher...” ou algo por essa via, temos uma chance maior de que – aí sim – o leitor conclua que a mulher em questão é bonita. É bonita porque ele, leitor, é quem está dizendo para si mesmo. Este paralelo em terapia é muito semelhante. É o conhecido *showing x telling*: mostrar versus contar. Foi muito em função dessa crença que montamos (outros

colegas e eu), há vinte anos, uma casa de ensino chamada Instituto Fernando Pessoa. Ali funciona um curso de especialização em Psicoterapia que tem duração de três anos, com boa ênfase na parte prática das entrevistas e estímulo à formação cultural e literária do terapeuta.

A Literatura nasce da oralidade, onde primeiro se ouve, depois se compreende e, só então, posteriormente se fala. Da mesma forma, podemos dizer que, quanto melhor se aprende a ouvir/escutar, melhor será a capacidade de falar/contar. Desse conjunto de qualidades dá-se, inclusive, o maior ou menor sucesso profissional e afetivo de uma pessoa, já que tais atributos são imprescindíveis para uma ou outra situação. Da mesma forma, primeiro se aprende a ler e interpretar um texto. Depois vem a capacidade de escrever um texto, reportando a outrem um fato ocorrido da realidade do ser, seja esta realidade material ou emocional. Em resumo, ouvir e contar. Ler e contar, escrevendo ou falando.

Arremato com uma pequena história que talvez demonstre como essa díade processadora (falar/escutar) costuma ser de enorme valia para mitigar as dores humanas: uma jovem mãe corria em um vilarejo com seu filho recém-nascido nos braços. O bebê estava morto, mas o desespero a impedia de encarar a realidade. Ela gritava pedindo ajuda. Os que se aproximavam dela percebiam o bebê morto e não conseguiam prestar a ajuda que ela aparentemente pedia. Até que foi encaminhada ao velho sábio, que disse “sim, eu posso ajudar. Mas, primeiro, terás que visitar as casas do vilarejo. Terás que descobrir uma família especial, que preencha duas características: essa família deve ter farinha em casa, mas não deve ter recebido a visita da morte”. Que voltasse a ter com ele depois disso. A jovem mãe foi de casa em casa. Contou sua história várias vezes, e várias vezes escutou delas que sim, havia farinha. Mas que também sim, a morte havia estado por lá. O restante é fácil... Ela nem precisou voltar ao velho sábio, claro. Somos a essência das histórias humanas, e nossas histórias se processam por repetição. Até o eco dos mitos. :V

QUEM TEM MEDO DE RUBEM FONSECA?

RICARDO SILVEIRA

MÉDICO, AUTOR DO LIVRO *DELICADAMENTE FEIO*

Um escritor fracassado é o homem mais frustrado do mundo. Nada arrefece sua melancólica disposição para arrancar elogios. Amigos, familiares, seu dentista; ninguém escapa.

— Leia isto, por favor. Dê sua opinião. É importante para mim.

É como se estivesse vendendo giletes para quem está precisando de algodão.

— Então, o que achou dos contos?

— Legal!

É deprimente.

Não esmorecer é regra básica. Sempre buscar temas instigantes, ter uma cadernetinha à mão para anotar sensações, pensamentos, uma frase, algo que possa, futuramente, tornar-se um conto ou uma novela. Este procedimento do autor chama a atenção de terceiros para seu ofício. É interessante.

— Pra que serve este caderninho?

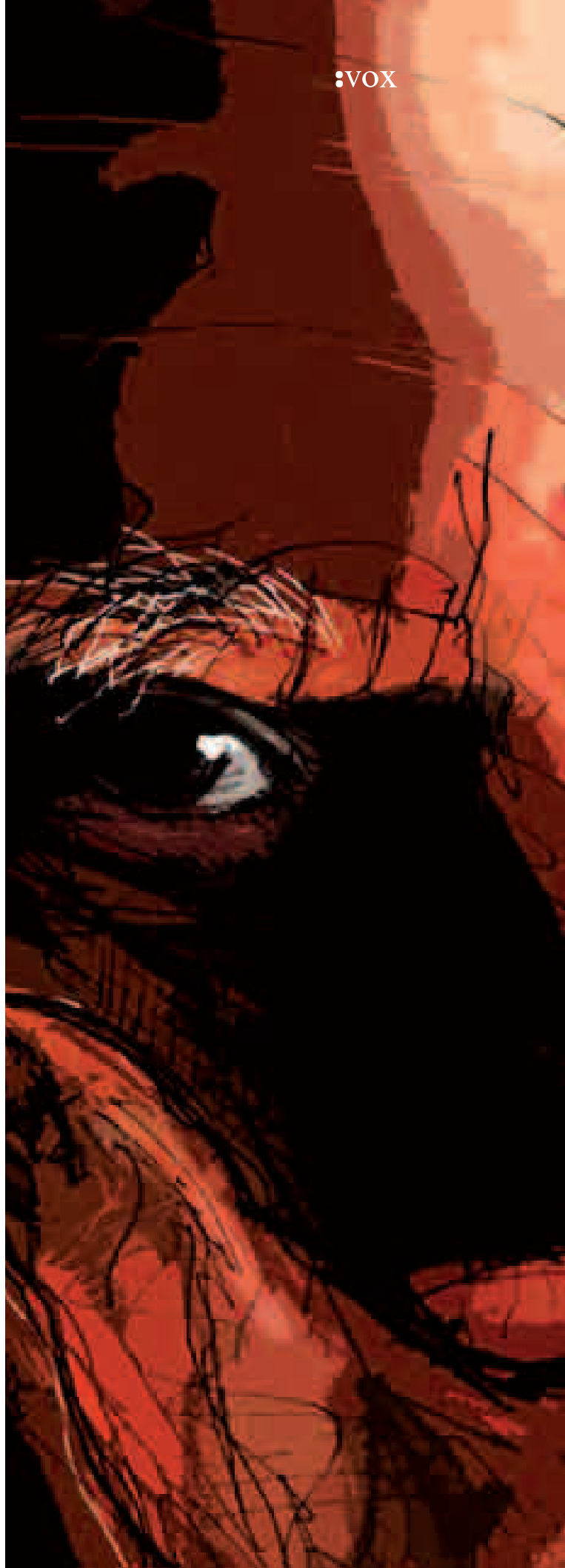
— Faço anotações. Sou um escritor.

— Ah, bom! Então tá!

Cambada de mentecaptos! Isso é o que todos são. Eles simplesmente não leem livros. Só porcarias. Como um escritor irá sobreviver ao deserto sem uma gota de água em seu cantil? Sem um camelo para corcovear?

Certa vez procurei um especialista. Um professor de Letras. Ele leu alguns de meus contos e lascou, em um pequeno bilhete:

“Tens um bom domínio da forma, da síntese e, principalmente, do diálogo. Tua prosa é bastante sedutora. Os personagens são



bem construídos e têm uma dimensão trágica em suas vidas cotidianas e miúdas. Mas acho que podes mais, meu caro. Esta tua prosa realista-naturalista já está um pouco passada em nossas letras nacionais. Alguns autores importantes talvez já tenham esgotado este veio, como Rubem Fonseca, por exemplo. Não deves abandonar teus princípios e referências, mas sim buscar uma liberdade formal mais ampla, com ecletismo e imaginação. Seja pós-moderno.”

O que preciso fazer, então? Virar-me do avesso? Eu só quero contar boas histórias, poxa! Será que um bom escritor não pode ser apenas isso?

“Tento excluir sempre a tendenciosidade de um narrador-personagem através de diálogos, possibilitando que o leitor entre em contato direto com os personagens e suas aflições. Busco com isso a descentralização e a multiplicação de pontos de vista. Meus contos não almejam engendrar uma experiência extrema, mas causar a solidariedade do leitor para com meus personagens: párias do destino, fracassados que parecem decidir sua sorte a cada frase, pessoas tragadas pela cidade, vítimas incautas ou fazedores de grandes e pequenas crueldades condenadas ao vazio, humilhação e desamparo.”

Essa foi uma pequena parte da resposta que enviei ao meu crítico: o beletrista apreciador de pós-modernos. Ele até hoje nada respondeu. Mas, sem dúvida, aquele pequeníssimo comentário mexeu comigo, confesso. “Prosa sedutora... Passada... Veio esgotado... Rubem Fonseca.” O bilhete tornou-se uma obsessão. Minto: Rubem Fonseca, na verdade, é que se tornou objeto de minhas elucubrações. Passei a estudá-lo com afinco e pretendia engolir toda a sua obra no menor tempo possível, para então vomitá-lo em forma de literatura. Cometi alguns contos nitidamente sob influência dessas leituras. Não contente, usei a paródia como forma e, com a ajuda de um amigo, publiquei um conto em uma famosa revista literária eletrônica. Nada arrefeceu minha angústia. Continuava sob influência daquele fatídico bilhete e de sua sentença maldita: seja pós-moderno. Não deixei de escrever e de não ser publicado, tampouco vencer concursos de contos aos quais me inscrevia. O ma-

logro continuava. Escrever para não ser lido: eis minha sina.

Foi então que ao ler um ensaio sobre a obra de Rubem (mais um entre tantos), tive um pequeno *insight*. Ele mora no Rio de Janeiro e costuma exercitar-se no calçadão de Ipanema com regularidade. Decidi: iria ter com Rubem e conversar com ele, mostrar meus contos, ouvir sua opinião, mas, evidentemente teria que primeiro ganhar sua confiança. Caminharia com a mesma regularidade e em horários que potencialmente me dariam uma probabilidade maior de encontrá-lo. Primeiro o cumprimentaria com um normalíssimo bom-dia (mesmo Rubem Fonseca responderia a um bom-dia afável e ingênuo). Depois, no dia seguinte, o alcançaria e, lado a lado, entabularia uma conversa despreziosa, como as manchetes dos jornais, por exemplo. Até haver alguma cumplicidade que propiciasse um convite para um chope ou qualquer coisa assim (eu prefiro chope). Arrecadei minhas economias e lá fui eu. Entre fevereiro e março haveria de ocorrer o que eu planejara.

Eu caminhava todos os dias em horários diversos. Alguns velhinhos de boné e com atitudes suspeitas foram eleitos e monitorados. Fingia-me de turista e solicitava fotos posadas com uma prostituta que contratei exclusivamente para isso. Todos os velhinhos se prontificavam às fotos exceto um. Num dia quente de carnaval o encontrei sentado e arfando em um banco, de frente para a Vieira Souto.

— Posso ajudar? O senhor está bem?

— Estou bem. Deve ser pressão baixa. Logo me restabeleço, obrigado.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Obrigado.

Fiquei perfilado a sua frente e ele estranhou.

— Está tudo bem. Já aconteceu antes. Não precisa se preocupar.

— É que eu sou médico e acho que o senhor não está nada bem.

Eu exagerei um pouco, mas normal ele não estava.

— Não se preocupe.

— Meu carro está próximo. Não quer que eu leve o senhor pra casa?

— Eu pego um táxi.

Rubem levantou-se e quase desmoronou.

Segurei seu corpo amolecido.

— Vou te levar pro hospital.

— Não, está tudo bem e...

— Tudo bem nada, venha comigo!

Lá estava eu puxando um velhinho pelo braço em pleno carnaval do Rio. Um casal de senhores zelosos se aproximou.

— Calma, pessoal. Eu sou médico. Não se preocupem. Deixa que eu resolvo.

Rubem me olhava entre espantado e agradecido. Coloquei-o deitado no banco de trás de meu carro e disparei. Pedia passagem, avançava os sinais, buzina de forma histérica.

— Não é pra tanto! — disse ele

— Já estamos chegando, Rubem.

— Rubem? Como é que você sabe meu nome?

— Depois eu te explico.

Entramos na emergência e Rubem foi logo querendo me despachar.

— Muito obrigado por sua atenção. Eu ficarei bem aqui e pedirei para chamarem meu filho.

— Que isso, Rubem! Faça questão de te acompanhar.

Rubem estava sentado com um esfigmomanômetro inflando em seu braço e perguntou desconfiado.

— Você me conhece, não é mesmo?

— É que eu...

— Você é mais um daqueles repórteres chatos ou mais um escritor fracassado que vem pedir minha opinião?

— Como é que tu sabes! Eu... Eu... ? — gaguejei.

— És um escritor fracassado, então? — Rubem demonstrava sarcasmo.

— Eu... Eu... Eu tenho contos publicados.

— Tudo bem! Mande um exemplar para meus editores. Agora, por favor, caia fora!

Uma enfermeira se aproximou e disse:

— O senhor está com pressão alta e o médico lhe prescreveu uma injeção de lasix.

— Puta merda! Detesto injeções.

— Que é isso, Rubem. Não vá fraquejar agora! — eu disse.

— Ah! Cala a boca! Não fode! •V

TERAPIA

LUIZ GUILHERME DO PRADO VEPPA

Se não fizesse versos
Enlouqueceria.
Minha saúde mental
Depende da poesia.

Se não fizesse versos
Me suicidaria.
Só na estrofe retorna
A perda alegria.

Só no poema ultrapasso
O limite do tédio.
Para o poeta, a metáfora
É o único remédio.

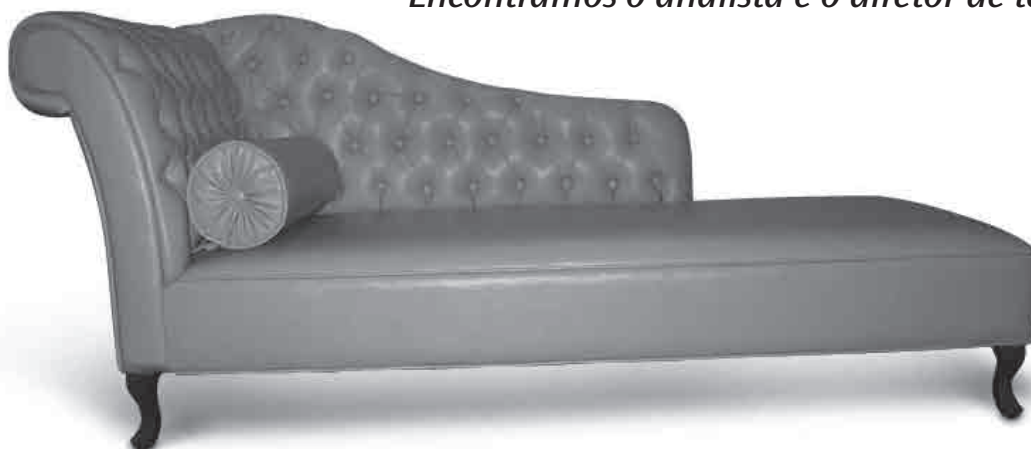
UM ENCONTRO INUSITADO ENTRE O ANALISTA E O DIRETOR DE TEATRO

JÚLIO CONTE

MÉDICO E ESCRITOR

Numa sala escura, penumbra, apenas um fecho de luz entra transverso pela janela semiaberta. Vemos sombras de um divã, poltrona e quadros, além de referência de que ali há um consultório de Psicanálise. No outro extremo, porém, formando uma continuidade de sombras, uma mesa, duas cadeiras, um refletor, som, e uma série de figurinos pendurados numa arara improvisada.

Encontramos o analista e o diretor de teatro.



ANALISTA

No que você está pensando?

mem existiria, porém de outro modo que não saberíamos.

DIRETOR DE TEATRO

Numa peça que reunisse nós dois. Pensando juntos e criando novos horizontes.

DIRETOR

Mas como começou a Medicina na tua vida?

ANALISTA

Mas isso já não existe?

ANALISTA

Você estava lá, em Forqueta na mesma época, mas por certo não se lembra.

DIRETOR

O fato de existir não impede que se possa criar.

DIRETOR

Talvez porque meus processos mentais estivessem tão embrionários quantos os seus. Brincávamos junto na praça em frente à igreja e nem sabíamos.

ANALISTA

Se não existisse o Teatro ou a Psicanálise o ho-

ANALISTA

Mas eu já andava de calças curtas enquanto você andava de pijama, afinal, toda família de descendentes italianos tem que ter um padre e um médico.

DIRETOR

E um louco, um suicida e uma bicha.

ANALISTA

Isso é uma verdade que ainda não tinha sido revelada para nenhum de nós.

DIRETOR

A vida se resumia às missas dominicais, as procissões na Semana Santa e jogos do União Forquetense nos domingos à tarde.

ANALISTA

E o grupo escolar Francisco Generoszzi o resto dos dias.

DIRETOR

E por que você não foi o padre?

ANALISTA

Tive sorte de ter um irmão mais velho que me obrigava a rezar para que ele tivesse vocação militar. Durante anos ele foi o escolhido. Sorte dele que a minha fé nunca foi tão poderosa. E você?

DIRETOR

Meu pai...

ANALISTA

Nosso pai...

DIRETOR

Nosso pai trabalhava na cooperativa que ficava em frente à nossa casa. Mas antes, para conquistar a minha mãe...

ANALISTA

Nossa...

DIRETOR

O pai fazia teatro. Era uma vila que girava em torno da igreja e todas as atividades sociais se

dividiam entre o salão paroquial, o armazém do Gobatto e o cabaré no morro da Julieta.

ANALISTA

O pai frequentava os três.

DIRETOR

Temo não ser a hora para entrar em tais detalhes. O que importa neste momento é destacar que no salão paroquial foi feito um grupo de teatro e o pai foi o diretor do grupo.

ANALISTA

Lembra qual era a peça encenada.

DIRETOR

Não posso lembrar, pois ainda não tinha nascido na forma que sou hoje, mas sei que foi um melodrama chamado *Rosas para Nossa Senhora*. O pai fazia o papel principal e a direção.

ANALISTA

Interessante, num país no qual o teatro não é valorizado e num estado em que é menos ainda e numa vila que nem rádio tinha e onde a televisão só viria a chegar vinte anos depois, um grupo de jovens se reúne para fazer teatro.

DIRETOR

Penso que era o centro emocional da vila. O teatro fazia o contraplano profano do ritual católico, complementar e antagônico. Dali saíram vários casamentos, como seguiu acontecendo ao longo de toda a história da dramaturgia mundial. Forqueta não foi exceção neste ponto.

ANALISTA

Sim, mas não temos tanto tempo. Siga por favor.

DIRETOR

Não seria melhor você me contar como depois de entrar na UFRGS, contrário a todas as expectativas, já que aluno modelo você nunca foi, acabou na medicina e depois na Psicanálise.

ANALISTA

Existe um ponto intermediário que convém mencionar. Eu gostava de revistas de quadri-

nhos, era aficionado. Tinha centenas escondidas em meu quarto e lia e relia. Além disso, gostava de brincar de mocinho e bandido. Fabricava minhas próprias armas de brinquedo, já que a fábrica da Estrela não chegara em Forqueta e as peças que vinham estavam além do orçamento de meus pais.

DIRETOR

Lembro de algo como a mãe consultar o padre Vicente para orientação contra sua obsessão de armas e banguê-banguê. Ela pensava que você seria um assassino psicopata.

ANALISTA

O padre Vicente foi consultado para avaliar a proibição, mas a coisa não foi tão ruim. Ele disse que deveria oferecer mais e mais e assim eu iria enjoar.

DIRETOR

Imagino que isso foi um alívio, mas talvez ela tivesse razão. Você acabou matando muitos personagens.

ANALISTA

O que é saudável. Melhor matar na ficção do que na vida real. Aliás, a ficção foi inventada para sobrevivermos à crueldade da vida real.

DIRETOR

Sem dúvida. Exercer toda a minha fantasia e capacidade criativa de recriar brinquedos com matérias descartáveis livrou você da psicopatia.

ANALISTA

Fazer revólveres, cartucheiras, espingardas com restos da madeira e papelão foi uma forma de escapar da previsão maternal. *Mother/murder*.

DIRETOR

Então comecei a recortar. Usava tesoura para fazer qualquer objeto do meu interesse. Com uma tesoura e pedaços de papéis fiz as minhas primeiras obras de arte.

ANALISTA

Arte em todos os sentidos, inclusive o pejorativo, pois mais de uma vez foste criticado por cortar caixas de papelão, cabos de vassoura e deixar um rastro de lixo.

DIRETOR

Você acredita em sublimação.

ANALISTA

A ideia de desviar os instintos sexuais e agressivos acabou por inventar a arte moderna e o futebol. Jogamos para não nos matar.

DIRETOR

Estamos matando tempo, gastando muitos caracteres. Nos apressemos. E a Medicina?

ANALISTA

Eu queria Biologia, mas achei que não sobreviveria como biólogo e resolvi fazer o vestibular para Medicina. Depois de rodar em todos os simulados, passei na única prova que era para valer.

DIRETOR

Mas já tinha alguma especialidade em vista?

ANALISTA

Pensava em Psiquiatria, mas ainda não tinha ideia do alcance da Psicanálise.

DIRETOR

E então o que foi que mudou tua trajetória.

ANALISTA

A greve da Medicina. Foi a primeira depois da reforma do ensino que esfacelou o movimento universitário. Eu fazia duas cadeira de curso 2 no Departamento de Arte Dramática e, para incrementar o período de greve, resolvemos fazer alguns esquetes no bar da CASL. No meio da apresentação, resolvi recitar um poema de minha autoria. Estava fora do *script*. Mas entrou definitivamente na minha vida. A emoção que senti quando falei as palavras que havia escrito me transformaram em outra pessoa.



DIRETOR

Tu te transformou em mim.

ANALISTA

Demorou ainda um pouco, mas acho que sim. E vice-versa.

DIRETOR

Coisas importantes demoram para ocorrer. Mas há sempre uma incerteza de quem criou o quê. Acho que terei que conviver com esta dúvida.

ANALISTA

Nunca te arrependeu de ter seguido a carreira dupla. Não te incomoda o sucesso nacional dos teus amigos como o Zé Victor Castiel, Werner Schunemann e o Marcos Breda? Não sente falta deste tipo de reconhecimento?

DIRETOR

Muitas vezes durmo mal, acordo de madrugada no inverno imaginando minha outra vida. Talvez isso ocorra com qualquer um frente a qualquer escolha que se faça. Porém, tem noites de verão que sonho com Moacyr Scliar, Cyro Martins e Guimarães Rosa. Sei que estou longe deles, mas pensar nisso me acalma.

DIRETOR

Tenho uma pergunta antes de terminar. Você usa coisas do seu consultório nas minhas peças?

ANALISTA

Não propriamente. O que vivo no consultório é uma experiência íntima de contato com o sofrimento humano de uma forma que não teria ou-

tra oportunidade de vivê-las. Mas não me sinto no direito de usá-las no teatro.

DIRETOR

Como é que você faz?

ANALISTA

Você sabe muito bem que o Teatro alimenta a Psicanálise tanto quanto a Psicanálise alimenta o Teatro.

DIRETOR

Como personagens complementares?

ANALISTA

Como pensamentos que são contrapartes de pensamentos. Emoções que dialogam e se ampliam.

DIRETOR

Mas nunca usaria uma história de algum paciente em cena. Seria uma traição contra a intimidade e a ética.

(E complementa:)

DIRETOR

No entanto, um artista tem que usar sua vida para produzir arte. É sua matéria essencial.

ANALISTA

Este é o grande paradoxo do artista. Como ser fiel ao mundo sem trair a si mesmo. Me acalma pensar que o melhor da minha capacidade analítica advém daquilo que sou.

DIRETOR

O melhor da minha capacidade artística advém daquilo que sou.

ANALISTA

E aquilo que sou advém da minha experiência no consultório...

DIRETOR

E aquilo que sou advém da minha experiência no palco...

ANALISTA

Juntos?

DIRETOR

Juntos...

ANALISTA

Como Wladimir e Estragon?

DIRETOR

Como Laurel e Hardy?

ANALISTA

Como Melanie Klein e Jaques Lacan?

DIRETOR

Como Freud e Bion?

ANALISTA

Então...

DIRETOR

Pronto?

ANALISTA

Vamos?

DIRETOR

Para onde?

ANALISTA

Para o futuro?

DIRETOR

Para o desconhecido...

ANALISTA

...

DIRETOR

...


ANALISTA

Será que vai dar certo?

DIRETOR

Vamos ensaiar e depois a gente vê.

Luz desce suave, criando um clima onírico de expectativa.



Pais de Nava – Dr. José Pedro da Silva Nava e Diva Mariana Jaguaribe, casados em 1902, em Juiz de Fora.

O PROUST BRASILEIRO

PAULO BENTANCUR
ESCRITOR, CRÍTICO, OFICINEIRO

Durante doze anos, a partir de 1972, um clínico geral tomou a si a incumbência de dar uma geral em sua vida. Entenda-se por “dar uma geral” escrever a mais completa e inspirada autobiografia em língua portuguesa de todos os tempos. Uma autobiografia que se mescla à biografia de tanta gente notável e à historiografia brasileira que compreende desde meados do século XIX (época do avô desse médico) até a contemporaneidade em que o sétimo e último volume saiu (último porque póstumo, saído 22 anos após a morte do memorialista, historiador, escritor da mais apurada técnica, a da reminiscência meticulosa no nível de um Marcel Proust).

Pedro Nava para a literatura brasileira, Pedro da Silva Nava para o cartório. Nascido em 5 de junho de 1903, em Juiz de Fora, MG, e morto a 13 de maio de 1984, no Rio de Janeiro, num episódio polêmico. Nava suicidou-se com um tiro na cabeça aos 80 anos, depois de ter recebido um misterioso telefonema. Alguns jorna-

listas puseram a boca no trombone (versão não confirmada exceto por testemunhas ditas responsáveis que insistiam em ser o telefonema de um garoto de programa chantageando o autor). Melancólico fim para um artista que marcou a cultura de seu tempo e do futuro. Também um homem notável para além da arte que praticou.

O TEMPO RECUPERADO

Pedro Nava lembra, sem nenhum exagero, do francês Marcel Proust (1871-1922), autor do ciclo romanesco-memorialístico intitulado *Em busca do tempo perdido*, sete volumes de uma

literatura que soube, como nenhuma antes, somar memória, imaginação e interpretação do contexto sócio-político-cultural. Sensorialidade intensa ressuscitada de forma espantosa, tantas décadas depois, por um coração inteligente. Nava, também em sete volumes – *Baú de ossos* (1972), *Balão cativo* (1973), *Chão de ferro* (1976), *Beira-mar* (1978), *Galo das trevas* (1981), *O círio perfeito* (1983), *Cera das almas* (póstumo, incompleto, 2006) –, se muda o registro ficcional proustiano, atinge um outro, mais afeito ao do historiador, porém sem abrir mão de uma poesia essencial à prosa, de uma força de revivescência que ultrapassa o mero registro da previsível memorialística. O que resulta em memória como invenção, não sendo invenção.

Médico conceituado, tendo publicado di-

versos volumes de Medicina geral, com destaque para uma especificidade de sua paixão na área, a anatomia, Pedro Nava igualmente foi uma referência do país na ciência a que se dedicou. Só

depois da aposentadoria, em 1969, é que começou a escrever suas memórias. E ninguém, absolutamente ninguém, nem mesmo seus amigos das letras, como Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Antonio Callado, podia suspeitar do fôlego da obra que estava por vir e da monumentalidade estética e histórica que ela,

com justiça, iria adquirir com o tempo.

A recente reedição, com rigoroso capricho iconográfico e editorial, do conjunto das memórias de Nava pela Companhia das Letras (já no terceiro volume, *Chão de ferro*), é certamente o primeiro passo na comemoração, neste 2013, do centenário de nascimento de um dos mais fundamentais escritores do Brasil. •V



Pedro Nava, segundo da direita para a esquerda, ao lado de Carlos Drummond de Andrade, à esquerda.

O MÉDICO, O CONTISTA E O DRAMATURGO



Anton Pávlovitch Tchékhev

Quando a palavra “conto” é mencionada, e em função dela se busca os mestres universais do gênero, o russo Tchékhev (1860-1904) é imediatamente lembrado. Faz parte de um trio ou quarteto sagrados, juntamente com o francês Maupassant, com o norte-americano Edgar Allan Poe e o tcheco Franz Kafka.

Diferente de Maupassant, não chegou a também escrever narrativas longas, menos ainda como Kafka, autor de romances de fôlego. Ao contrário de Poe, não escreveu poesia nem ensaios. Mas os outros, ao contrário dele, não escreveram peças de teatro. E se o fizessem, talvez não fossem tão longe, uma vez que com quatro dramas – *A gaivota*, *Tio Vânia*, *As três irmãs* e *O cerejal* – marcou profundamente o teatro para sempre.

O RISO DIANTE DA DOR

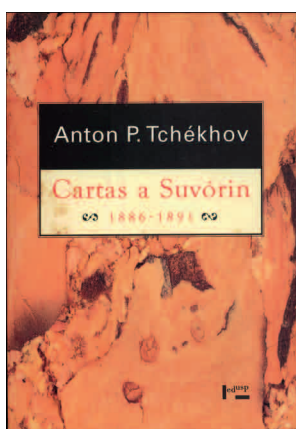
Nascido em Taganrog, sul da antiga Rússia, Anton Pávlovich Tchékhov teve uma infância difícil, com pai despótico e mãe omissa. Adolescente ainda, trabalhou na mercearia do pai, que faliu em pouco tempo. Nosso autor tinha dezesseis anos quando a família vende tudo que tem e se muda para Moscou. Menos Anton, que permanece na cidade para completar os estudos secundários. Com isso, cristaliza um temperamento responsável e, simultaneamente, generoso.

Aos dezenove vai juntar-se aos seus em Moscou onde, bolsista, ingressa na Escola de Medicina da Universidade de Moscou. Vira chefe da família. Falido, o pai entra em depressão, adoece e morre. Tchékhov, numa reação que já vinha se processando ao longo dos anos em que foi submetido à excessiva autoridade paterna, demonstra sua opção pelas pessoas comuns e passa a escrever em jornais crônicas e contos nos quais o tom de uma leveza humanizadora

se impõe sem abrir mão da consistência psicológica. Realista na arte, abre-se ao precário alheio e o registra.

Ao contrário de Maupassant, que parte de algo alegre e redundante num desfecho trágico, o russo parte do trágico e dilui o peso das situações, finalizando com sofisticada ironia ou leveza o que se anunciava tempestuoso.

Forma-se em 1884, mas sua opção por uma clientela modesta, do povo, não o faz ganhar a vida como médico e sim como escritor. Nesse mesmo ano, constata que sofre de tuberculose. Tem, porém, um espírito combativo, e em poucos anos escreve cerca de 300 textos para o *Novoye Vremya* (*Novo Tempo*) do editor Aleksei Suvórin, responsável por insuflá-lo à expressiva produção, em quantidade e qualidade. O livro *Cartas a Suvórin (1886-1891)* é uma demonstração inequívoca dessa troca autor-editor, desse aprendizado que o leva até a maturidade estética. [Paulo Bentancur]



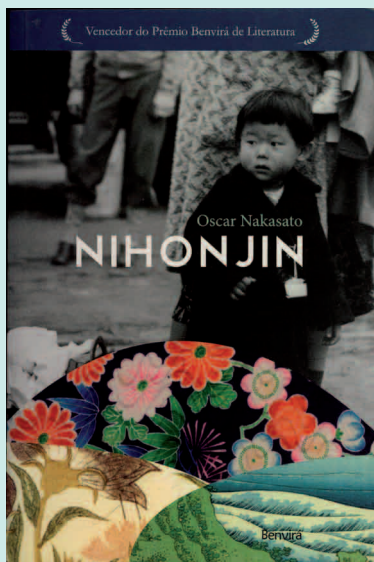
CARTAS A SUVÓRIN (1886-1891)
 Editora EDUSP
 416 páginas



O CEREJAL
 Editora EDUSP
 108 páginas

VOX recomenda:

NIHONJIN
OSCAR NAKASATO
 EDITORA BENVIRÁ
 176 PÁGINAS



Ganhador do Prêmio Jabuti, edição de 2012, *Nihonjin* é um surpreendente romance que trata de um tema pouco abordado no Brasil: a imigração japonesa ocorrida durante a última metade da Segunda Guerra Mundial. As primeiras virtudes do livro são a consistente abordagem histórica e a isenção do autor na análise dos conflitos gerados pelas diferentes interpretações (pelos próprios japoneses) da questão identitária.

A importância de preservar ou não essa identidade na sua raiz é a ponta de tensão da trama, que se inicia com um pontual castigo paterno a um filho tido então como rebelde, e culmina com a intolerância de um grupo radical que, por meio da força, se opõe a outro não menos radical ainda. São conflitos de violência explícita, de cuja existência, em especial nas colônias do interior de São Paulo, pouco se sabe até hoje. Como se dizer brasileiro com um aspecto físico tão característico, enfrentando a pilhéria de colegas de aula, o que hoje se chamaria bullying? Mas, de outra parte, como se compor-

tar e viver como um japonês, fechado às tradições de seus antepassados, se nascido no Brasil e com a necessidade de ter uma terra como sua, de onde tirar o sustento, alimentando referências apenas na imaginação e no sonho distante?

Assim se desenvolve a narrativa de Oscar Nakasato, um neto de imigrantes japoneses, com o conflito sempre à flor da pele, ora tomando parte o filho que “se sente” brasileiro e desconsidera as tradições familiares, ora na consciência do pai que vê numa concessão desse naipe um perigo a rondar a esperança de um dia voltar à terra onde ficaram pais e irmãos. Esses dramas fogem ao círculo familiar e passam a alimentar o fanatismo de grupos rivais, que se dividem entre os considerados traidores da pátria (*gaijins*) e os seguidores das tradições (*nihonjins*). As divisões começam quando chegam os filhos e netos, e estes passam a ver a pátria dos pais e avós de uma forma já distante, a partir apenas de relatos distanciados no tempo.

Embora o conflito maior de *Nihonjin* seja de identidade, questões comuns a todos os imigrantes da época não deixam de ser tangenciadas. Como a perseguição a cidadãos oriundos de países do chamado Eixo, alemães, italianos e japoneses – que, por determinação do então presidente Getúlio Vargas, não podiam, entre outras proibições, falar seu próprio idioma, fomentando entre a população local um clima de latente discriminação e hostilidade.

Mas *Nihonjin*, antes de tudo, é um livro belo, sensível, denso de humanismo e de compreensão dos fatos. O narrador da história é o neto do personagem principal, que, mesmo nos momentos de maior dor, se mantém isento, sem alimentar ressentimentos de qualquer natureza, e de espírito aberto às concessões, disposto sempre a entender, ao invés de julgar, as circunstâncias emocionais de uma decisão. Estamos, enfim, diante de um grande livro, de uma narrativa simples, que, ao final da leitura, nos faz respirar aliviados. Em Literatura tudo até já pode ter sido feito. Mas a forma de fazer, quando bem feita, ainda não perdeu a capacidade de gerar boas emoções. É o caso de *Nihonjin*. [Tailor Diniz]



MONSTROS FORA DO ARMÁRIO [CONTOS]
FLÁVIO TORRES

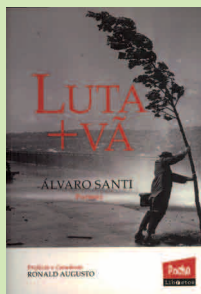
Contos que têm como ponto de partida da trama a relação da infância com o mundo adulto.

O autor conduz bem as narrativas, a maioria com finais surpreendentes e

bem elaborados, outros previsíveis (ou muito anunciados), como no conto de um menino de rua em busca da mãe. Bom livro de um autor estreante.

Não-editora

96 páginas



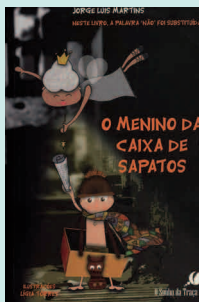
LUTA +VÃ [POEMAS]
ÁLVARO SANTI

Uma antologia que representa a produção do autor a abranger um período de quase três décadas. A maioria dos poemas é composta de inéditos, que formam

um conjunto que o autor vem trabalhando desde 2002.

Editora Libretos

128 páginas



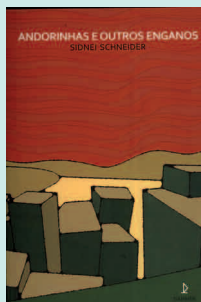
O MENINO DA CAIXA DE SAPATOS [INFANTOJUVENIL]
JORGE LUÍS MARTINS

É o segundo livro do autor. Trata-se de uma adaptação do primeiro, *Meu nome é Jorge*, para a categoria infantojuvenil. O autor conta sua história como ex-

menino de rua sem escrever a palavra “não” durante a narrativa.

Editora O Sonho da Traça

72 páginas



ANDORINHAS E OUTROS ENGANOS [CONTOS]
SIDNEI SCHNEIDER

Conhecido como poeta, Sidnei Schneider estreia no conto com esse livro. O autor aborda temas variados, em diferentes circunstâncias

e ambientes, no campo ou no cenário turbulento das grandes cidades.

Editora Dahmer

112 páginas



TETRAEDRO [CRÔNICAS]
LÚCIO SARETTA, MARCOS KIRST, TIAGO MARCON E UILI BERGAMIN

Coletânea de crônicas de quatro autores radicados em Caxias do Sul. Segundo Luís Augusto Fischer, que escreve o prefácio, os

autores são mais que bons, “ajudam Caxias a se ver, a se organizar, a se pensar, a rir de si”.

Editora Maneco

168 páginas



CONTOS DE SOLIDÃO E SILÊNCIOS [CONTOS]
GUILHERME CASSEL

É o livro de estreia do autor, que já publicou contos de forma individual e participou da coletânea *Contos de Oficina 18*, da Oficina

de Criação Literária da PUCRS. A maioria dos contos tem a memória como fonte da narrativa.

Editora Bestiário

92 páginas



LANÇAMENTOS INICIAM PLANO DE EDIÇÕES DO IEL

O Instituto Estadual do Livro, em parceria com a Corag – Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, lançou em 2012 os primeiros onze livros do seu Plano de Edições, que prevê a publicação, a partir de 2013, de outras obras de autores gaúchos, inéditos ou com livros já publicados. Nesta edição, destacamos nove poemas

(três de cada autor) e um conto dos quatro primeiros livros publicados, que tiveram sessão de autógrafos na sede do IEL. Os destaques são dos livros *Lenhador de samambaias* (José Weis), *Caminhos do fruto* (César Pereira), *Partimos de manhã* (Nei Duclós), e *Exercícios espirituais para insônia e incerteza* (Lourenço Cazarrê).

Os outros livros, lançados a seguir, são:

Vemos as coisas como somos (contos), Guilherme Smees
O movimento do oceano (contos), Marcella Mattar
Por razões desconhecidas (contos), Mauro Paz
Dias de verão (contos), Sergio Napp
O último retrato (novela), Deny Bonorino
Obra reunida de Oliveira Silveira, organização de Ronald Augusto
Pago pra ver, Canini



O BANIMENTO DO FILÓSOFO

LOURENÇO CAZARRÉ

Solta o copo e levanta! Tu não vai tomar mais uma gota desse suco. Faz o que tô mandando! Isso.

Agora, anda pro quarto.

Nosso quarto? Desde quando tu tem alguma coisa neste apartamento?

Não, não responde. Não quero ouvir mais uma só palavra dessa boca suja.

Vamos, não para nem fica me olhando com ar de pateta. Tu deve saber o que aconteceu. Alguém do edifício me contou o que tu faz quando estou fora. O que fazia, porque agora nunca mais vai fazer nada.

Não te vira! Não me olha! Não quero teus olhos em cima de mim.

Não tenta falar comigo!

Eu jurei pra mim mesma que não gritaria. Seria apenas mais uma humilhação. Os vizinhos não precisam saber de nada. Não, não haverá barraco no apartamento da doutora. Tu simplesmente vai apanhar as tuas coisas e vai sair. Discretamente.

Ilustração: Suzel Neubarth



Vamos, entra no quarto!

Não tenho tempo a perder. Esqueceu quanto eu ganho por consulta? Esqueceu que eu faturei numa manhã o que tu ganhava em um mês antes que eu passasse a te sustentar? Quero perder três consultas no máximo pra me desfazer de ti. Mesmo assim é muito dinheiro pra um chinelão como tu.

Depressa! Sei que tu é lento de raciocínio. Percebi já nos primeiros dias, mas sentia peninha de ti, o pobre professor que precisava dar aulas pra marginais das vilas pra se sustentar.

O quê? A gente se gostava? Como tu é imbecil! Eu deixei que tu viesse morar aqui pra economizar. Como amante fixo tu me saía mais barato.

Vamos começar pelas tuas cuecas imundas, mas pega duas! Todas essas foram compradas por mim. Pois, leva só duas. Deixa as outras que eu vou queimar. Lembra da cueca que tu usava na primeira noite? Desbotada, elástico frouxo. Aquilo me comoveu. Como pude ser tão idiota?

A verdade é que eu nunca havia transado com um cara da tua classe. Nunca havia sentido pena de homem nenhum. Mas tu era um professor de Filosofia! Trabalhava numa escola dos cafundós porque queria afastar os jovens marginais das drogas. Comovente.

Lembra do susto que tu levou quando chegou a conta do restaurante naquela primeira noite? Não? Pois eu lembro muito bem, com raiva. Eu tava meio bêbada, sim. E necessitada de homem.

Não, não, essa mochila fica no armário. Tu vai levar tuas coisas numa sacola de plástico.

Eu não podia imaginar que tu, um homem de quarenta anos, não bebia. Por isso, acabei tomando a garrafa sozinha. Era uma noite de lua cheia e eu fiquei pateta. A falta prolongada de macho faz muito mal a uma mulher sadia de trinta anos.

Agora, as camisas. Pega só as antigas, as tuas, porque as que eu comprei com o meu dinheiro vão pro porteiro.

Não canso de me perguntar: como foi que tu entrou nessa, Beatriz? Como tu foi te juntar a um pé-rapado?

Conversar? Olha, eu te disse pra não abrir a boca. Cala e escuta. Tu não tem ambição. Tu é um merda, como diz meu pai. Tu não tem onde cair morto. Mas tu é filósofo, vive se fazendo grandes perguntas. Depois da morte, vamos pra onde? Respondo: tu vai ser enterrado na vala dos indigentes.

O amor que havia entre a gente? Nunca houve amor entre nós. Havia sexo. Sexo mais ou menos. Pra transar legal é preciso imaginação. Mas tu é um vegetal. Agora, reconheço, tu tem uma vantagem: demora pra ejacular. Sim, tu não goza, ejacula! Mas nós, mulheres, gostamos disso, do ato demorado. Faz com que a gente se sinta importante. Afinal, os homens nunca nos dedicam muita atenção. Conheço meia dúzia de mulheres que gostariam de trepar contigo, o moreno dos cabelos encaracolados. Até pagariam, como eu. Mas eu quero que tu vá te prostituir longe de mim.

Não! A calça Levis nem pensar! Ainda não tá paga. Falta uma prestação. Antes, tu comprava roupas nas feiras, lembra? Batas indianas, calças de saco de farinha, sandálias de couro. Eu fiquei com peninha. Um pobre professor meio comuna dedicado a tirar a gurizada das garras do tráfico.

Epa, o cinto, não! Deixa também! É couro legítimo. Tu só levaria se fosse pra te enforcar com ele.

Agora, admito que fiz mal pra ti. Tu era puro e eu te corrompi. Tu aprendeu a usar roupas decentes, foi pela primeira vez ao teatro e viu bons filmes. Viajou de avião e conheceu Santa Catarina. Infelizmente, agora, tu vai ter que voltar pra rua esburacada onde mora tua mãe. Um homem de quarenta anos!

O que aconteceu? Não me faz essa pergunta que eu fico louca! Sou capaz de quebrar um vidro de perfume na tua cara de pau! Tu não sabe, não sabe mesmo? Pois eu vou te dizer.

Aqui neste edifício moram umas senhoras idosas, tu notou? Pois bem, uma delas me escreveu uma carta. Mas não colocou no escaninho porque imaginava que tu podia pegar antes de mim. Essa senhora foi até o centro e entregou a carta na portaria da clínica.

Tu queres saber o que tá escrito nela? Nem imagina! Pois bem, ela me escreveu que tu passa as manhãs num banco da praça, perto dos brinquedos das crianças, fingindo que lê. Isso mesmo, fingindo. O que tu faz mesmo é espichar os olhos pro rabo das babás.

Não, não é só isso. Ela te viu beijando aquela indiazinha, de uns quinze anos, que trabalha no quarto andar.

Não aconteceu nada entre vocês? Não sei nem quero saber. Pode ser que sim e pode ser que não. Mas tem também o caso da coroa do sexto andar, a miss botox. Aque-la que tem uma cara que é um mostruário de cirurgias plásticas. A minha informante te viu saindo do apartamento dela com as bochechas vermelhas. Que consertar a pia? Tu foi desentupir outra coisa.

A jaqueta tu pode levar. Pra não passar frio no barraco da tua mãe. Olha a etiqueta! Conhece o jacaré? É Lacoste. Tu levaria cinco anos pra pagar uma dessas.

Pronto, vamos ao banheiro.

Assim que tu sair, vou desinfetar a casa toda.

Pega só a escova. De pasta tu não precisa. Pode escovar os dentes com sabão, seu mentiroso.

Pronto, agora, saindo. Vamos pra sala. Porta da rua, serventia da casa. Isso dizia minha mãe: porta da rua, serventia da casa.

O quê? Dinheiro pra ônibus? Tu tá debochando da minha cara?

Vai caminhando. Tu não é contra a poluição? Os ônibus poluem muito. Daqui ao Barro Duro são só uns doze quilômetros. Tu pode ir filosofando. Tu não vive querendo saber qual é a finalidade da existência? Quando chegar no casebre da tua mãe, tu vai entender. Pra cretinos como tu, o fim último da existência é viver na merda. :V

NEI DUCLÓS

RESGATE

Vieram enfim buscá-lo no inverno azul-chumbo
O barco como pássaro pousado no abismo
carregou seu último olhar. A praia não ouviu seu grito

O convés que o levou estava deserto
Nem mesmo Caronte, o navegador sem retorno
Mas foi acompanhado pelas sereias e os ventos de agosto

Quando aportou no continente, trazia sombras
de gaivotas no ombro. E um olhar de ametistas,
pérolas de um sonho morto

Já era tempo. O naufrágio dobrou a esquina da espera
Mas estava firme depois de tanto exílio
Sabia agora como recolher a linha do horizonte

MURO

Eu lembro de tudo: tijolo velho formando muro
livros empilhando altura no escritório
praia de rio turvo com pai de água no peito

Eu lembro de tudo: poesia provocando riso
(Lembrança de um amor faz ruído de saia)

SELVAGEM

Fui Rocinante, pedra e caminho
Depois Quixote contra moinho
Hoje governo ilha e Cervantes

Herdei o elmo, herdei o estribo
Herdei os livros fora da estante
Tinta em papéis sujos de trigo

No escudo, gamela de cobre
Vejo a aventura fora de linha
Do sonho migrei para o aviso

Fui escudeiro de antigo nobre
Palavras jogadas no alforje
Memórias de vencida lógica

Visito a sala onde a loucura
Era o espelho do amor perdido
Fantasmas em eterna fuga

No meu lombo louca linhagem
Bronze feito de pergaminho
Esguia fronte, triste figura

Fui viajante, virei raízes
Voltei ao cardo e ao espinho
Provei da selvagem literatura

JOSÉ WEIS

LENITIVO

A gente queria tanto um sítio
bananeiras refletindo a lua
o rio logo ali em frente.
Acabamos num quarto-e-sala
no sétimo andar, em pleno centro.
Nas noites de sábado,
tem licor de maracujá
e leituras de Adélia Prado.
O sítio é onde a gente está.

DOMINGO ANTIGO

O sol a pino
o vinho tinto
muita preguiça
o futebol pelo rádio.
Não existe almoço em família,
nem gol de campeonato
ou paixão correspondida
que nos livre do garrote
das noites de domingo,
véspera da sísifa segunda-feira.

SINTOMAS

Súbita febre e
gripe sem coriza
no nosso mundo,
tu és minha Dama,
eu sou teu Vagabundo, ele disse.
Mestranda em Paris,
ela torceu o nariz
uma cantada lugar-comum
voltou ao sanduíche de atum.
Ele mudou de tom:
serás Billie Holiday,
eu, Lester Young.
Era o que faltava,
na próxima ele ataca,
ela pensou, de Yin & Yang.
Era um daqueles amores
um tanto indigestos,
ela apreciava champignon,
ele se contentava com afetos
e um bauru no Trianon.
Pelo sim ou pelo não,
a jogada era apostar;
uma lua de mel em Veneza
pois o que lhes restava
era uma só certeza
como o poeta dizia:
o amor acaba um dia.

CÉSAR PEREIRA

SUSTO

Como quem doma
serpente na cama
abdicado às cavalações
estou além da bala
e sua trama

além da cabala
e seu veneno.

Neste chão de desconforto
teço esperanças
nô morto
Dou aprumo
ao caminho torto

Sem lustro na rima
e na estrutura pequeno
vivo de meu próprio custo

Verso por verso
refaço o susto
repartir o lanho

Busco o que se move
além do ganho

MEDIDAS

Em teu âmbito
nada vinga
Atônito,
Manipulado,
Sentes a solidão crescer
– lesma de pânico,
assídua, irremediável.

O vazio
é tecido em silêncio
no salário curto,
desemprego

O SUBVERSIVO

O que verte no corpo
são exílios
Invernias na fala
bala na memória

Guardo o sonho
ocluso na sombra
em gavetas de espera

Conheço a fera
e seus asseclas
o mesmo espanto
na parturição do júbilo

Inocente é o réu
sem patrimônio
demônio
no processo de julgamento

Lento
é o gesto
entre algemas

Sonhas a casa própria,
móveis brilhando
um sofá de afagos
na varanda

Buscas a Justiça,
a liberdade
Mas nada entendes
do Poder e seus redutos,
da propriedade e seu
conforto,
do capital e seu lucro

dilemas

lília porto

entre a cruz e a espada
inda que mal comparando
um violão atuava
tangia a batina do padre
e a farda do soldado

maria – nome de santa
rosa – nome de flor
maria rosa mundana
seguia assim sua sina
dois amores na surdina

o padre gostava do acorde
o soldado do compasso
entre um altar e um catre
as cordas daquele corpo
emitiam belos sons

os bemóis na sacristia
sustenidos no quartel
dois fortes a moça invadia
de um queria o céu
ao outro impunha a guerra

o padre deixou a igreja
o soldado desertou
rosa perdeu o interesse
foi fincar os seus espinhos
no evangelho do pastor

lília porto nasceu em Araguari, MG, tem dois livros editados em Portugal e participou de algumas antologias. escreve toda sua obra com minúsculas, e assim assina seu nome.

C
O
N
F
E
I
T
A
R
I
A

VITOR BIASOLI

Quando Sérgio saiu do motel com Cristina, estacionou o carro na frente de uma confeitaria e falou:

– Neste lugar a gente pode comer bem-casados. Até ninhos de fios de ovos eles têm. Na minha infância, minha mãe me levava numa confeitaria em frente à praça, e nós lanchávamos olhando o movimento.

– Mas é só uma padaria de bairro – Cristina falou –, não é uma confeitaria de verdade.

Sérgio confirmou com a cabeça, não tirou as mãos da direção e concluiu que seria melhor não descer. Lembrou que uma ou outra vez viera até ali e deixara que os doces se desmanchassem na sua boca até despertarem as lembranças da infância.

– Acho que todas as cidades do interior têm confeitarias que ficam numa esquina, com portas que abrem para a praça, onde as mulheres passeiam e se exibem.

– Mas isso há muito tempo, não achas?

Sérgio ligou o motor e manobrou para pegar a pista da avenida, na direção de um shopping. Sim, há muito tempo, pensou. Os espaços de passeio hoje em dia estão nas alamedas dos shoppings, e Cristina não sabe e nem quer saber a respeito das confeitarias dos anos 60. Ela tem 22 anos de pureza e milhares de horas de televisão e revistas de moda. Não conhece coisa alguma do que estou falando.

De frente à praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas, havia uma confeitaria com um salão enorme, mesas de madeira com tampo de mármore e muitas portas que se abriam para a rua. Os homens se sentavam e pediam café. As mulheres entravam com os filhos e pediam doces, chá ou refrigerante. Eu usava calças curtas, acho que todas as crianças usavam calças curtas. Observava as mulheres conversando e pousando as xícaras de chá sobre os pires. Também

olhava os homens sentados nas cadeiras, as pernas abertas, um braço para trás do encosto, o outro erguido no ar, gesticulando, com um cigarro entre os dedos. Então eu imaginava que, quando crescesse, eu também fumaria e gesticularia e conversaria com um cigarro entre os dedos.

Ao entrar no café do shopping, Sérgio teve a impressão de que Cristina olhou para o ambiente e sentiu-se em casa. Aquele era o seu mundo. Ela escolheu uma mesa de canto, instalou-se numa posição que lhe dava plena visão do ambiente e pegou o cardápio que a garçonete lhe estendera. Sérgio pediu um *petit gateau* para a senhorita e um expresso duplo para ele.

– Mas antes eu vou querer um expresso também.

– Muito bem – Sérgio refez o pedido e recostou-se na cadeira como faziam os homens da sua infância. Colocou um braço atrás do encosto e ergueu o outro braço para dizer:

– A população de Porto Alegre inteira e mais um monte de gente que veio do interior, está todo o mundo aqui. Quando eu morava em Pelotas, não imaginas o quanto a Capital me fascinava. Eu vim para cá em 1970, para estudar, e tudo me encantava.

Cristina olhou para ele com um sorriso e Sérgio se perguntou o que ela achava das histórias que contava. Uma ou outra vez ela perguntou se ele tivera muitas namoradas e ele explicou que era um estudante de Medicina aplicado e que as mulheres na sua vida vieram em conta-gotas. Nunca teve muito tempo para elas. Uma mentira que aplicou desde a primeira vez, com Cristina, e nunca soube o porquê. Começou a contar dessa maneira a sua história e teve enorme prazer em criar uma biografia de jovem aplicado aos estudos, comprometido com a profissão, e que errou na vida justamente por essa seriedade.

– Quando cheguei tinha dezoito anos e fui fazer cursinho pré-vestibular. Morava num apartamento da Cidade Baixa e estava embasbacado com o ritmo da Capital. Naquele tempo, as cidades do interior eram muito

mais provincianas do que hoje e parecia que a modernidade não chegava. Porto Alegre, no entanto, parecia acompanhar o ritmo do mundo.

Os olhos de Sérgio se perderam no vazio e ele recordou o deslumbramento que viveu na juventude. Cristina tinha os ares de uma colega de faculdade e Sérgio lembrou os longos passeios e conversas que manteve com ela até conseguir o primeiro beijo.

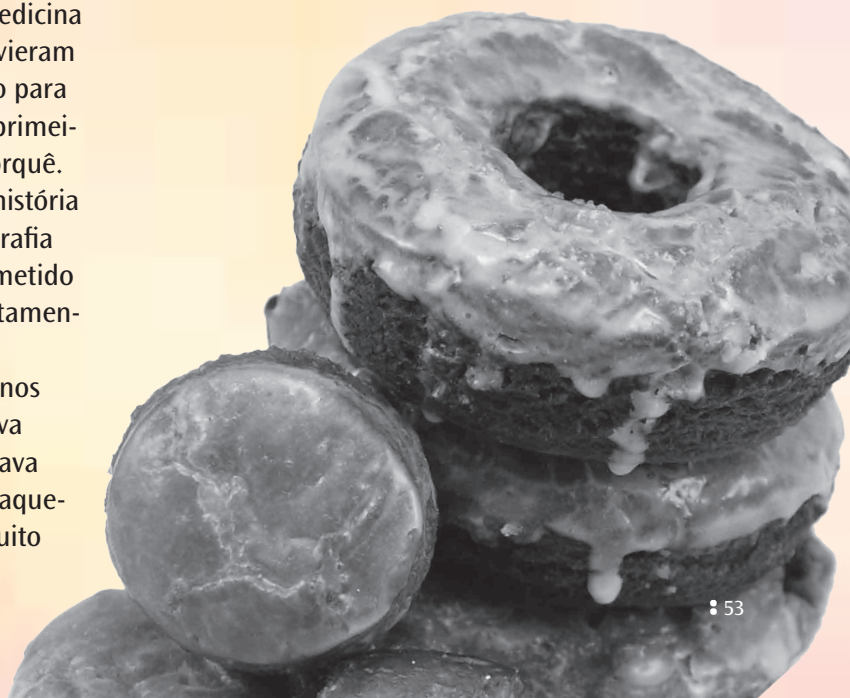
– Era tudo mais difícil, Cristina. Hoje eu acho que as coisas são mais fáceis.

Cristina abaixou a cabeça, cortou o bolinho do *petit gateau* com a colher, misturou a calda quente com o sorvete no prato e disse que não era bem assim.

– Eu achava que o mundo era bem mais fácil, Sérgio. Depois que meu pai faliu e comecei a vê-lo deprimido, tudo mudou. Acompanhei a irritação da minha mãe, as discussões entre eles, e as coisas nunca mais foram como antes. Tive a nítida impressão de que o mundo acabara. Foi aí que passei a trabalhar no hospital e não foi só pelo dinheiro, sabe, foi para sair de casa também. Para sair de casa de manhã e só voltar de noite, depois da faculdade.

– E o teu pai, como ele era antes da empresa falir?

– Era um pouco como tu e tinha certeza de que, onde ele fosse, seria bem recebido. Ou-



via a mãe falar da escola onde trabalhava e até comentava com ela os problemas da educação. Depois, a TV e o futebol passaram a ser o centro da sua vida e ele não ouvia mais o que ela falava. Hoje, acho que nem se falam.

Sérgio colocou a mão no braço de Cristina e pensou que era aí que ele entrava na vida da moça. Só assim para uma jovem se interessar por mim, só assim uma guria olharia um velho como eu e pensaria que eu posso oferecer-lhe alguma coisa. Proteção, restabelecimento da figura paterna, qualquer coisa do gênero, pouco importa o quê.

Sérgio recostou-se na cadeira, olhou os casais que estavam nas mesas e pensou que ne-

nhum deles tinha uma diferença de idade como ele e Cristina. A moça o fazia sentir-se o rapaz que fora um dia, caminhando apressado para a Faculdade, depois de sair da cama de uma mulher, ainda com o seu cheiro no corpo.

Eu era um tipo irresponsável e meu pai vivia ameaçando cortar a mesada. Mas eu ia driblando as dificuldades, pedia auxílio aos colegas, tinha amigas que me auxiliavam nos trabalhos, colava nas provas e ia indo. O tempo era curto, a vida era boa, as oportunidades eram tantas que era um desperdício gastar tantas horas em cima dos livros. Anos depois, Maria Inês me jogou tudo isso na cara. Disse que meu fracasso profissional era consequência de uma vida desregrada e que ela não percebera isso, fora enganada. Naquele dia, ela saiu batendo a porta e nunca mais conversamos como marido e mulher. A não ser para acertar o valor da pensão.

– Uma tarde dessas vou te levar naquela confeitaria – Sérgio falou. – Nós vamos sair do motel, tu vais estar cheirando a sabonete e água de colônia e vou pedir dois ninhos de fios de ovos, um para cada um de nós, e eu vou te contar como era Pelotas nos anos 60, e como a minha mãe calçava luvas, usava leque, e os homens fumavam cigarros sem filtro e faziam medidas para as senhoras, quando elas passavam.

– Como tu és antigo. Água de colônia, que é isso? Luvas, leques. Que lugares eram esses que tu frequentavas?

– Lugares que não existem mais. Lugares que só existem dentro de mim, dentro de alguns da minha geração, que estamos indo irremediavelmente para o fim. Mas, graças a ti, graças a jovens como tu, sobrevivemos.

Cristina ri. Que coisa engraçada, diz. E Sérgio ergue o braço para chamar a garçonete. Ergue o braço como faziam os homens da sua infância. Mas percebe que falta um cigarro entre os dedos. O cigarro que o médico disse que ele deixasse definitivamente, se não quisesse morrer logo. •V



Vitor Biasoli é autor dos livros Uísque sem gelo e Santa Maria, ontem & hoje, entre outros.

INÇO

MARCO DE MENEZES

me arrancam
como bovino manso
de um pátio em chamas

folião com arruda nos olhos
com meu roupão, umas congas
e lá se vai ribeira abaixo
minha inútil bandeira

me arrancam
como espinho
do píncaro
pinças púrpura
de príapo

e mais embaixo
– onde não há soleira
ou claraboia
nem sacada sutil
ou avículas rútilas
nem alimento fácil
nem gradeado gramático
ou gráfica confiança –
me arrancam

do pátio em chamas •V

Marco de Menezes nasceu em Uruguaiana, é poeta, editor e médico.

O VESGO

RONALDO LIPPOLD

Foto: Tiago Belinski

Zé Bigode começou a juntar seus trapos quando o sol irrompeu a crescer timidamente no horizonte. Uma arruaça logo preencheu o silêncio verde. Aquele alarido de caturritas e bugios acordou outros habitantes no mato cerrado à beira do rio Santa Maria e o dia tratou de espantar a escuridão da noite que ficava rapidamente para trás. O gaúcho forte com a pele queimada pelo sol logo encilhou seu zaino e trotou beirando o caudaloso rio. Numa parte que ele notou mais rasa, cutucou com as esporas as ancas do animal e começou calmamente a transpor as águas geladas que corriam fazendo um barulho que soava como música em seus ouvidos. O cavalo bravamente nadou até a margem oposta e logo enveredou em um mato onde o sol deixava matizes de diversas cores nas folhas ainda molhadas pelo sereno.

Homem e cavalo andaram durante várias horas, evitando aproximar-se de estradas movimentadas ou casas de fazendas. O gaúcho bigodudo vinha das bandas do Uruguai, onde dois dias antes havia encontrado a polícia da fronteira. Foi uma saraivada de balaços que deixaram como saldo três mortos e um ferido. Ele e seu companheiro de muitos contrabandos, Nicanor, foram pegos de surpresa quando traziam duas mulas arrebatadas de produtos. Seu velho amigo levou de saída um balaço na testa que o deixou desfigurado, enquanto seu cavalo corria campo afora carregando de arrasto o corpo sem vida. Zé Bigode de imediato sacou de seu Smith e descarregou o revólver em direção à patrulha. Dois policiais castelhanos saltaram gritando de suas montarias atingidos por balas certas. Um terceiro caiu abraçado com o cavalo que foi trespassado por um projétil. Como seu revólver ficou sem munição e havia vários cavaleiros para matar, ele resolveu fugir. Foi uma correria sem tréguas. Volta e meia ele ouvia o sibilar de uma bala que passava zunindo perto de sua cabeça. A noite ajudou Zé Bigode. Na escuridão ele conseguiu se distanciar e enveredou em terras que conhecia como a palma das mãos.

Troteando aparentemente longe de seus algozes, o cansado contrabandista pensava no passado de arruaças com a polícia, no amigo morto, nas economias e mercadorias perdidas e que fariam muita falta na sua volta para Cacequi. Tinha uma filha de dois anos, que não sabia se realmente era sua e a negra Ticiania, que era o veneno de sua existência. Adorava aquela fêmea que havia tirado de um chinaredo em Rosário no final dos anos quarenta. Quatro anos se passaram e ele continuava entreverado com a polícia e com o ciúme doentio que possuía por aquela mulher. Isto teria que acabar. Talvez os últimos acontecimentos indicassem este caminho. O sol no centro do céu mostrava a proximidade do meio-dia e a barriga começava a roncar. Estava com sede, e a possibilidade de sorver um chimarrão lhe enchia a boca de saliva. Quando viu no céu uma fumaça subindo lentamente, teve a certeza de estar se aproximando da moradia de um companheiro de antigas peleias. O gordo Valduíno estava aposentado desde que casara com uma alemoa de Cachoeira e agora tratava de cuidar do filho recém-nascido. Ele abandonara as sendas de roubos e putaria e plantava uma horta repleta de legumes e uma roça de mandiocas.

Zé Bigode aproximou-se lentamente e achou estranho o cachorro perdigueiro não vir latindo em sua direção. A casa estava com as janelas e porta abertas. Na

frente do portão da pequena horta, o cachorro atirado com um balaço no pescoço e um monte de moscas varejeiras voando em volta do sangue coagulado. Apeou do zaino e sacou o revólver da cintura. Caminhou ao redor da humilde cabana imaginando o pior. Deparou com o corpo desnudo da alemoa repleto de arranhões pelo corpo, um olho roxo e uma perfuração de faca no abdome. Seus olhos arregalados demonstravam o tamanho da tragédia que presenciara. Zé Bigode cerrou os dentes, respirou fundo prevendo o pior e entrou na tapera de uma peça só. O quadro era brutal. Seu amigo estava atirado no chão, com a criança morta no colo e uma poça de sangue escuro à sua volta. O gaúcho, acostumado às agruras da vida, abaixou-se, colocou a mão na testa de seu velho amigo e desatou a chorar mansinho. Deu um salto quando ouviu um barulho vindo do teto da cabana. Já estava de arma em punho quando seus olhos avistaram uma ave verde que batia asas, empoleirada num porrete que servia como depósito de utensílios. O homem deu um sorriso para a velha caturrita que seu amigo criara desde nova. Ela deu um voo curto e sentou no ombro do velho conhecido. Era a única sobrevivente daquela tragédia. A caturra correu para o pescoço, bicou diversas vezes a orelha do gaúcho e começou a berrar: “Atira, vesgo filho duma puta!” Zé Bigode deu de mão numa pá depositada num canto do barraco e tratou de enterrar os corpos de seus amigos, enquanto pensava na frase dita várias vezes pela ave. Foi uma tarefa árdua e comovente. Aquela chacina teria que ser vingada. Começou a pensar na cena do crime, nos motivos para tanta violência.

Na manhã seguinte, Zé Bigode fechou a casa do finado amigo, pegou suas tralhas e, com a ave no ombro seguiu viagem. Horas depois, cansado e com fome, encontrou na beira de uma estrada com pouco movimento a venda de um antigo conhecido. Era um lugar decadente, onde seu dono com quase oitenta anos teimava em servir os viajantes. Zé desencilhou o cavalo, prestou atenção no movimento e adentrou no recinto. Em uma sala comprida e escura via-se uma mesa com cinco jogadores concentrados numa canastra e um balcão encardido com quatro gaúchos sorvendo uma caninha com limão e outras bebidas. No canto um homem em andrajos roncava visivelmente alcoolizado. Da cozinha, vinha um solo de acordeão que tocava uma mazurca enquanto uma voz rouca falava de um velho payador que havia perdido a mulher amada. O dono da venda cumprimentou o recém chegado e logo serviu um trago para o viajante com a

caterra no ombro. Bigode tomou dum talagaço a aguardente, pediu outra e uma linguiça para amainar a fome. Olhou de soslaio a mesa em que se ouviam risadas e barulho de moedas que rodopiavam em cima de uma toalha bastante puída. Quinze minutos após, um dos jogadores, com cara de poucos amigos, saiu da mesa dizendo impropérios e deixou vago seu lugar, não sem antes dar um coice em uma galinha que se atravessara na sua frente. Homem e caturra se aproximaram e pediram licença aos quatro jogadores. Os outros, com olhos vitrificadas pela bebida, consentiram com a cabeça, achando engraçado aquele gaúcho com uma ave no ombro. Enquanto jogava as cartas, um gringo forte, que até então estava com o chapéu enterrado na cabeça, olhou inadvertidamente em direção ao jogador da vez. Quando seus olhos tortos fitaram os de Zé Bigode, a caturra gritou: “Atira, vesgo filho duma puta!”

Um silêncio constrangedor tomou conta do ambiente. O vento parou de soprar. As moscas se confundiram com a fumaça de um palheiro, enquanto aqueles olhares gélidos se confrontavam. Os cinco homens não piscaram naqueles segundos que demoraram uma eternidade para transcorrer. Um pingo de suor incriminador correu mansamente da testa do homem vesgo. Quando ele fez menção de colocar a mão no coldre, um balaço debaixo da mesa o acertou nos culhões. O salto foi de mais de dois metros. Ele caiu gemendo, enquanto os outros jogadores se afastavam da mesa e Zé Bigode assoprava calmamente o cano do Smith. Chutou uma cadeira e se aproximou do ferido que segurava os bagos estrebuchando e disse:

— Por que matou meus amigos, seu infeliz?

Olhando com os olhos arregalados, ele falou baixinho:

— Foi pura maldade.

E cerrou os olhos. :V

POTENCIAL

ANDRÉIA LAIMER

Invado a aula ecoando o Gudán recém apagado
Ele me soslaia do fundão
arreio cabelos, esfrego charme em sua classe
Ele desaparece numa nuvem de falácias
pigarreia indiferença ao novo decote.

(nossos lábios suturados
ele vivo
em minha calcinha alagada)

E se eu me fizer de bobinha?
virgenzinha assustada
me pegas de quatro em tua caverna?

(Gosto de fantasiar, Platão
que me dedicas alguma solidão.) •V

Andréia Laimer é publicitária, tem poemas publicados nos concursos Poemas no Ônibus e Histórias de Trabalho e participou da antologia O melhor da festa (2011). Acaba de lançar, junto com Diego Petrarca, o livro Hai-cábulos (ed. Coletivo Dulcinéia Catadora).

OS PÉS DE VERÔNICA

FERNANDA VIER

Foi num fim de tarde frio e chuvoso em que nada havia para fazer a não ser ficar em casa, e uma vez dentro de casa, era preciso ocupar as horas com alguma coisa. A internet ainda não tinha sido instalada, os livros estavam encaixotados e ninguém estava a fim de arrumar nada. Nossas possibilidades de diversão se resumiam a uma comédia policial dublada que passava em um dos canais abertos da televisão. No meio do filme, mais ou menos naquela hora em que o tira mais velho dá uma lição de moral em seu parceiro bêbado e suicida, os pés de Verônica apareceram. Antes escondidos sob o cobertor que usávamos para nos aquecer no sofá, eles emergiram embru-

lhados em grossas meias de lã. Mas tanta lã já estava provocando coceira e Verônica arrancou de uma vez só as duas meias, jogou-as num canto da sala e perguntou se podia pôr os pés em meu colo para mantê-los quentes. Eu disse que sim, claro que podia.

Os pés de Verônica eram macios e suaves. Sei que é clichê, mas é que eram mesmo. Eu já tinha visto muitos pés femininos, mas estes me pareceram os mais perfeitos. Nem grandes, nem pequenos. As unhas curtas, lixadas redondinhas, sem esmalte. Naturais. Não havia sinal de calos ou dos terríveis joanetes que assombram tantas mulheres. E o melhor: o dedo indicador, ou aquele que seria equivalente ao dedo indicador da mão, não era maior do que o dedão. Isso é muito raro. A maioria das pessoas, homens e mulheres, tem aquele dedo comprido, disforme, alguns chegam a fazer uma curva para fora da sandália, um gancho grotesco. Mas não, o indicador do pé de Verônica era um pouco menor do que o polegar, de modo que os cinco dedos formavam uma sutil escadinha, e quan-

do seus pés eram colocados um ao lado do outro, ah, era pura simetria, como dois objetos espelhados. Durante algum tempo, mantive os pés de minha colega de apartamento tão aquecidos e confortáveis que ela até adormeceu. Aproveitei a chance para admirar milimétrica e microscopicamente aqueles recém-descobertos pés. Claro que eu já tinha visto Verônica usando chinelos, até mesmo descalça, mas sempre tão rápido, e nós tão sem intimidade... Nunca me havia sido concedido o direito de tocá-los e de vê-los de perto. Enquanto ela ressonava, eu acariciava cada dedo, as unhas, o calcanhar, o tornozelo, a planta dos pés de Verônica. Ela nem sentia cócegas. De vez em quando, se mexia de leve, mas continuava cochilando, e eu fingindo prestar atenção no filme quando só tinha olhos para as extremidades de suas pernas. De tanta paz e aconchego, adormeci também, e quando voltei a mim, Verônica já não estava mais no sofá. Decerto tinha ido para a cama, e levava junto seus pés. Lamentei por alguns instantes e peguei

no sono novamente. Sonhei com Verônica, não inteira, só até as canelas, mas era ela. Acordei de repente com aquele barulho irritante que fazem as emissoras de tevê quando termina a programação. Nada me restava a não ser ir para a cama também.

No dia seguinte, Verônica saiu com o namorado, que viera do interior só para vê-la. Para enfrentar a intempérie lá fora, ela calçou botas de couro negras que subiam quase até os joelhos. Deixou-me de pijamas na cozinha tomando café com leite. Antes, porém, deu-me um beijo na bochecha em agradecimento aos carinhos da noite anterior.

— Obrigada por ontem, Eugênia.
Você nem imagina como eu dormi bem. :V

Fernanda Vier é formada em Comunicação pela UFRGS e estudante de Letras na PUCRS.

ANTES DA CHUVA

FRED VIDAL



A pequena cidade se reuniu em peso na praça para ouvir a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. O cheiro de pipoca, as cores dos balões e o jeito simples daquela gente alvoroçada era o acompanhamento perfeito para o som das melodias. O cenário estava pronto. Em cima do palco, inúmeros instrumentos reluziam manejados pelos músicos. Embaixo, um público atento a todo movimento, ansioso pelo espetáculo.

– Quando eu crescer, vou tocar nesta banda – diz o filho à mãe, que lhe faz um carinho na cabeça.

E o concerto tem início. A música enche todo o espaço. As notas, conduzidas pelas asas do vento, entram pelos ouvidos dos presentes e enchem seus corações de uma satisfação única, de uma alegria singela, tal como a terra árida ao receber o beijo molhado da chuva. Violinos, contrabaixos, trombones, harpa, instrumentos de percussão... Unidos numa sinfonia que despertava nas almas os mais inesperados e intensos sentimentos, liberados pelos suspiros e exclamações que, unindo-se à musicata, subiam ao céu como uma prece de suave odor. Sinhá Mundica olha para a comadre, abre o riso mostrando as canjicas amareladas, a outra responde balançando a cabeça, aprovando. O Chico Doido deixa-se embalar pelo ritmo, motivo de festa para a meninada, e mesmo para alguns adultos. Naquele fragmento de mundo, se estabelecia o ideal da confraternização universal.

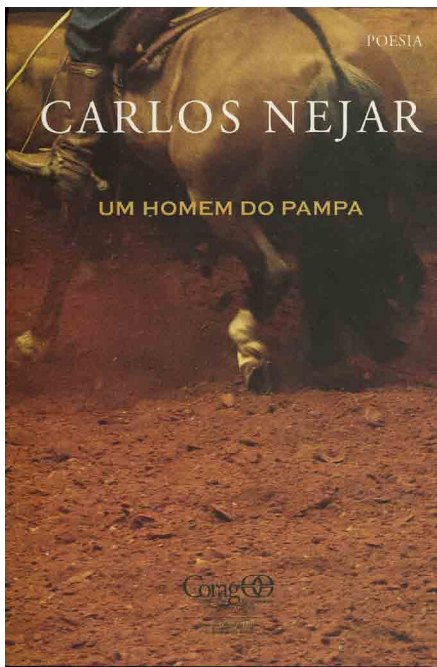
Mas o céu tem as suas artimanhas, especialmente com os mais desavisados. Assim sendo, surpreendeu a todos. Sua expressão, inicialmente acolhedora, foi se fechando, como

se o firmamento estivesse irritado. E, quando começou o solo da soprano, soprou uma ventania que deixou a todos atônitos. As folhas com as partituras espalhadas por todos os lados, microfones ao chão; mas nem por isso os músicos se dispersaram: continuaram a tocar como se nada estivesse acontecendo, como se o vento ali estivesse para fazer coro à sonata. O espanto veio da plateia, pois, além da ventania que levantava as saias das mulheres, as nuvens pesadas anunciavam que o fim da apresentação estava próximo.

O vendaval deixou o povo desnortado. E quando começaram a se organizar novamente, desferiu o céu uma pancada certa de chuva que levou o concerto a nocaute. Este foi interrompido, não porque os instrumentistas assim o fizeram, mas porque o público debandou numa louca correria para debaixo das marquises ali próximas, as mulheres querendo salvar a chapinha e os homens o topete que tanto trabalho lhes dera.

Aperta daqui, espreme dali, todos ficaram empoleirados debaixo das marquises. É fato cientificamente comprovado que as marquises em época de chuva são como coração de mãe, sempre cabe mais um. Agora não se escutava mais o som dos violinos, dos contrabaixos, da harpa, nem a voz da soprano. Somente o barulho da chuva, que caía serena e constante, sem se preocupar em ir embora, como se fosse a parte mais importante e aguardada do espetáculo. Agora, o que enchia os ouvidos e a alma de todos era a sinfonia de milhares de gotas que cortavam o ar e rebentavam no chão, num dó sostenido permanente. :V

A IDENTIDADE DO GAÚCHO



A publicação que fizemos para lançamento na 58ª Feira do Livro de Porto Alegre do livro *Um homem do pampa*, de Carlos Nejar, o único escritor gaúcho com vaga na Academia Brasileira de Letras, é, mais que um lançamento, um evento.

Trata-se de uma espécie de livro-poema, ou poema-rio, embora na verdade sejam dois livros (dois afluentes) formando um livro-rio único: *A espuma do fogo* e *A república da infância*, conjunto de uma dupla realização lírica que o poeta chama de “duas vozes”.

No plano literário, sem dúvida é o mais significativo lançamento da Corag – Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas.

Somados os dois “cantos”, ou poemas que confluem um para o outro, temos 7.250 versos de uma épica que busca cantar o gaúcho e seu temperamento, seus costumes, seu contexto, terra, cenário – em suma, sua identidade. Um livro que, desde que saiu de nossa gráfica, entra para a história da literatura brasileira para sempre.



Serviços prestados pela companhia: impressão offset, impressão digital, impressão rotativa, impressão de segurança, impressão de dados variáveis, fábrica de livros, tipografia e acabamentos especiais.

ADMINISTRAÇÃO E PARQUE GRÁFICO

Rua Cel. Aparício Borges, 2199 | Partenon | Porto Alegre - RS
CEP 90680-570 | Fone: 51 3288.9700 | E-mail: corag@corag.com.br



OBRA DE NECA SPARTA



POEMA DE ESCOBAR NOGUEIRA

Quando Caim matou Abel,
Deus sentenciou:
*Andarás errante
e perdido pelo mundo.*
Amaldiçoado, partiu, Caim,
para as terras de Nod.
Teve mulher, construiu uma cidade
e lhe deu o nome do filho, Henoc.
A civilização começou assim.
Eu não quero estar aqui
pra ver como vai ser o fim.

Da exposição *A imagem da palavra*, que reuniu, em 2012, quinze artistas plásticos e quinze poetas gaúchos na Semana da Cultura do Rio Grande do Sul em Montevideu, organizada pela Sedac.



Faça como quem vive entre páginas de livros: dê valor à literatura gaúcha.

O IEL – Instituto Estadual do Livro – trabalha para fazer do nosso Estado um lugar com mais e melhores leitores. Associe-se: descubra como você ou a sua empresa podem colaborar. Você vai ver que, entre outras coisas, é possível incentivar a leitura doando apenas 50 reais. Todo o Rio Grande agradece. E os amigos do IEL também.

☎ (51) 3311.7311 🌐 ielrs.blogspot.com 📧 @IELRS 📘 www.facebook.com/ielrs2


ASSOCIAÇÃO LÍGIA AVERBUCK
SEJA AMIGO DO IEL.


Instituto
Estadual
do Livro

Secretaria da Cultura


Rio
Grande
do Sul
Governador do Estado